

Seia, ainda uma cidade industrial

Um ensaio sobre os edifícios que resistem

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sob a orientação do Professor Doutor Pedro Maurício Borges

e coorientação do Arquitecto Carlos Martins

Maria Benedita Veiga

Coimbra, Janeiro 2014

Seia, ainda uma cidade industrial

Um ensaio sobre os edifícios que resistem

“Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar,
eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! Ho-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”¹

¹ CAMPOS, Álvaro de_ Ode Triunfal.

Agradecimentos

Aos meus pais e às minhas avós pelos ensinamentos que me têm vindo a formar como pessoa.

Aos meus irmãos pela paciência.

Aos amigos que fiz em Coimbra, porque o são de facto e me deixam memórias para a vida.

À minha madrinha pelas longas conversas.

À Teresinha Rua pela ajuda e amizade.

Ao João Fernandes pela disponibilidade com que respondeu a todas as minhas perguntas.

Ao Atelier do Boído pelo material que me disponibilizou.

À Joana Orêncio e ao Pedro Pinto pelas fotografias que tiraram e cederam que enriqueceram este trabalho.

À Câmara Municipal de Seia pelo material que cedeu.

Ao Alberto e à Sofia pelas animadas viagens.

Ao meu orientador Professor Pedro Maurício Borges, por ter aceitado orientar este trabalho em tão peculiar situação e por tudo o que com ele aprendi.

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, ao contrário de mim, não lhes é permitido estudar.

Resumo

A Cidade de Seia, situada na Serra da Estrela, tornou-se, no final dos anos 50 do séc. XX, um considerável polo industrial. Beneficiando da riqueza em linhas de água, aqui se fixaram importantes fábricas do sector têxtil dos lanifícios.

A FISEL (Fiação Estrela de Seia, Lda.) foi uma dinâmica unidade industrial, exportando para países como a Alemanha, a Finlândia ou o Reino Unido. No final dos anos 60 do séc. XX, ao acrescentar a função da tecelagem ao seu processo de fabrico criou igualmente a necessidade de aumentar o seu corpo de operários. É neste contexto que surge o bairro operário da Fisel.

Construído ao lado da fábrica e na periferia de Seia, encontra-se actualmente no seu centro, junto a relevantes artérias da cidade e a serviços importantes, constituindo uma nova centralidade.

Este conjunto de cem habitações unifamiliares sobreviveu à desindustrialização, à quebra da demografia e foi alvo, em 2003, de um projecto de requalificação urbana.

Por outro lado, a fábrica vai decaindo, podendo, com o cessar das suas funções, dar lugar a uma ruína industrial preocupante, dada a sua localização na cidade e à memória que sustenta.

Torna-se, portanto, de grande pertinência perceber o papel deste bairro na cidade, como foi este envolvido por ela e como interagem, e como essa relação existiu, existe e pode ser potenciada no futuro.

Abstract

Seia, a small town situated in Serra da Estrela (the highest mountain in Portugal) became in the 50s of the 20th century an industrial considerable area. Due to a large number of streams of water important textile factories were established there at that time.

FISEL (Fiação Estrela de Seia, Lda) was one of those. Caused by its dynamic, part of the production was exported to foreign countries such as Germany, Finland and the United Kingdom. At the end of the 60s of the 20th century, adding weaving to the process of production it was necessary to enlarge the number of workers. In this context a neighbourhood for the factory workers was built.

It was situated near the factory on the edge of the town. Now, it is in its centre with the main roads and services nearby, becoming the new centre of the town.

It is constituted by 100 terrace houses and it survived to the decline of the textile industry and the low of the population rate. In 2003 it was remodeled within an urban project.

On the other hand the factory is decaying and it can even be closed in a few years' time turning it into an empty, ruined place which is rather worrying if we think about its localization in the town and the history memory it represents.

So, it is really important to understand what this neighbourhood means to the town, how it is involved in the town and by the town and how this relationship is today, as it was in the past and how it can enhance the future.

Sumário

Introdução	19
Seia:	
O lugar, os recursos, a colonização de um território	31
Industrialização e Desindustrialização	47
A Fiação Estrela de Seia (FISEL)	61
O Bairro da Fisel:	
A Implantação e a Unidade Habitacional	69
Habitar há quarenta anos	87
O Bairro da Fisel hoje: retrato sociológico	99
Seia e os edifícios industriais que permanecem	105
A Fábrica	
Uma nova ocupação, uma vida nova	115
O Bairro da Fisel: um lugar de aprendizagem	139
O Novo Bairro da Fisel	149
A casa, uma evolução	157
Conclusão	
As Viagens na minha Terra	165



A Fábrica e o Bairro da Fisel, Seia.

Introdução

A intenção de realizar um trabalho em que a cidade de Seia, a minha cidade, fosse o seu espaço central surgiu indiscutivelmente pela minha relação pessoal com este lugar.

Esta relação, pautada por amores e desamores, tornou-se mais complexa após iniciar o curso de Arquitectura na Universidade de Coimbra. Durante este percurso, o meu sentido crítico face ao que me cerca foi despertado e os meus olhos abertos. Comecei a questionar.

Percebi as várias fases do crescimento da vila que se transformou em cidade.

A princípio captei o negativo. As ruas desalinhas e confusas ladeadas por edifícios de semelhante insipidez, ou as construções caricatas que vão rompendo na malha urbana de Seia e que, invariavelmente, se tornam alvo de animadas alcunhas. Sobretudo, vi a ausência de regras e de ordem, percebi como os edifícios não apresentavam na sua concretização um raciocínio sólido, de quem planeia, e que tinham acontecido por necessidades momentâneas sem a interrogação das urgências futuras.

Depois concentrei-me nas minhas lembranças e em como eu, enquanto cidadã senense, tinha sido apropriadora do espaço público, de forma automática e inconsciente, e recordei-me da fábrica. Passei pela fábrica todos os dias enquanto vivi em Seia, não só fisicamente mas também em conversas, em histórias e em memórias.

Os caminhos de Seia passam invariavelmente pela história da FISEL, materialmente porque a Avenida 1º de Maio, o mais importante eixo da cidade, lhe passa à porta, mas sobretudo porque a cidade e a indústria estão tão intrinsecamente ligadas que experimentam os mesmos dissabores.

Se outrora a indústria foi um potente motor de desenvolvimento, trazendo consigo um relevante crescimento demográfico, o aumento dos serviços e do comércio, do emprego directo e indirecto, do intenso movimento construtivo, que a aglutinou na malha urbana e a trouxe da periferia para o centro, hoje é potencialmente responsável por criar um problema urbano delicado, pois ao extinguirem-se as suas funções, em curto/médio prazo poderá constituir um espaço de ruína industrial numa cidade de pequena escala e que não possui, actualmente e sobretudo nas circunstâncias económicas recentes, a capacidade financeira de a recuperar ou substituir por novos edifícios.

Ocupar é uma forma eficaz de prevenir a ruína e é indispensável que se olhe em volta, se discuta e se proponha, pois a fábrica deixou de ser massa, betão e tijolo, a fábrica faz parte dos senenses e ilustra as suas memórias.

Assim, seguindo o exemplo da indústria, também Seia tem vindo a esmorecer e a linha do seu desenvolvimento não só parou como virou de sentido, tendo-se tornado num município com graves problemas financeiros e no concelho pertencente ao distrito da Guarda que mais perdeu população nos últimos dez anos¹.

É, portanto, mediante este contexto, que (re) encontro com surpresa o Bairro da Fisel, um bairro operário denso, habitado, reestruturado e requalificado urbanisticamente e que surge como um importante espaço de excepção, tanto pela forma como actualmente se encontram os outros edifícios industriais seus contemporâneos, mas também pela desertificação de espaços habitacionais na cidade, mais recentes e que se admitem mais actuais e com melhores condições espaciais e físicas de habitabilidade.

¹ Fonte: Plano Estratégico Seia 2020.

A minha perplexidade conduziu-me a mais questões. Tornou-se importante perceber a história deste bairro, entender quem o habita, compreender de que maneira este surge na cidade e como esta se desenvolve em seu redor.

Passei por ele e analisei as suas dinâmicas. De seguida olhei para a sua planta, apercebendo-me que o bairro não possui nenhuma fachada principal voltada para uma rua que não seja secundária e de acesso a ele mesmo. As fachadas que se voltam para a cidade são cegas e pelas suas ruas internas só caminham os seus moradores, pois o bairro não possui nenhum lugar de comércio ou serviços. Surge segregado, mas é um organismo vivo, compacto e denso.

O Bairro da Fisel, construído em 1971, assistiu tanto ao apogeu como à decadência da fábrica, fazendo parte da sua história, tal como faz parte da narrativa da cidade, no entanto, venceu as vicissitudes e é hoje um espaço melhor do que na época da sua construção, sobretudo tendo em conta o projecto de requalificação urbana de que foi alvo em 2003.

No entanto, o bairro apresenta características desfavoráveis, tanto relacionadas com a sua implantação como com as sucessivas alterações que os moradores fizeram nas casas, por um lado, com o intuito de as melhorarem e, por outro, de as individualizarem. O que resultou na descaracterização e na desordem, não sendo

possível, actualmente, encontrar duas habitações equivalentes.

Assim, quando iniciei a minha investigação, os meus objectivos prendiam-se sobretudo com o estudo e a análise do Bairro da Fisel e as suas condicionantes políticas, arquitectónicas, urbanísticas, sociológicas e económicas, desde a sua construção até à actualidade, e à sua interacção com a cidade ao longo da consolidação do tecido urbano.

Pretendia contar a “micro-história” desta cidade, mas sobretudo deste bairro e desta comunidade.

Atraiu-me sobretudo a escassa informação e a obrigatoriedade do trabalho de campo, das entrevistas, dos inquéritos, das conversas. Ninguém em nenhum momento tinha contado a história deste bairro e, por conseguinte, estaria a gerar material inédito, em palavras e imagens.

As conversas foram surgindo e as opiniões foram-se acumulando e com o desenvolvimento da investigação novas intenções despertaram.

Comecei a considerar ir além da monografia, complementando a minha pesquisa, a recolha de dados e as conclusões obtidas com uma intenção, elaborando uma proposta e desenvolvendo um desenho.

Percebi que o bairro era importante para a cidade e, por conseguinte precisava de ser levado a ela, de lhe oferecer o limite da sua fachada e, ao mesmo tempo, de se

deixar incluir e ocupar; que carecia de um remate e que deste surgiam oportunidades de intervenção urbana.

Compreendi de igual forma que era exequível recuperar a identidade construtiva do bairro, perdida pelas contínuas modificações que cada habitação comportou, redesenhando as suas fachadas, os seus anexos e logradouros, e estendendo esse desenho aos seus espaços interiores, propondo uma solução que aproveite melhor as pequenas áreas, com maior qualidade espacial e criando uma ponte entre o existente e os parâmetros legais.

É neste contexto da potencial ruína industrial que minará o que a cerca e criará um decadente vazio, em oposição ao Bairro da Fisel, também de origem industrial mas que se soube valorizar e evoluir, apresentando-se como um espaço de procura, de densidade e vitalidade, que este trabalho pretende actuar.

Seia:

o lugar, os recursos, a colonização de um território

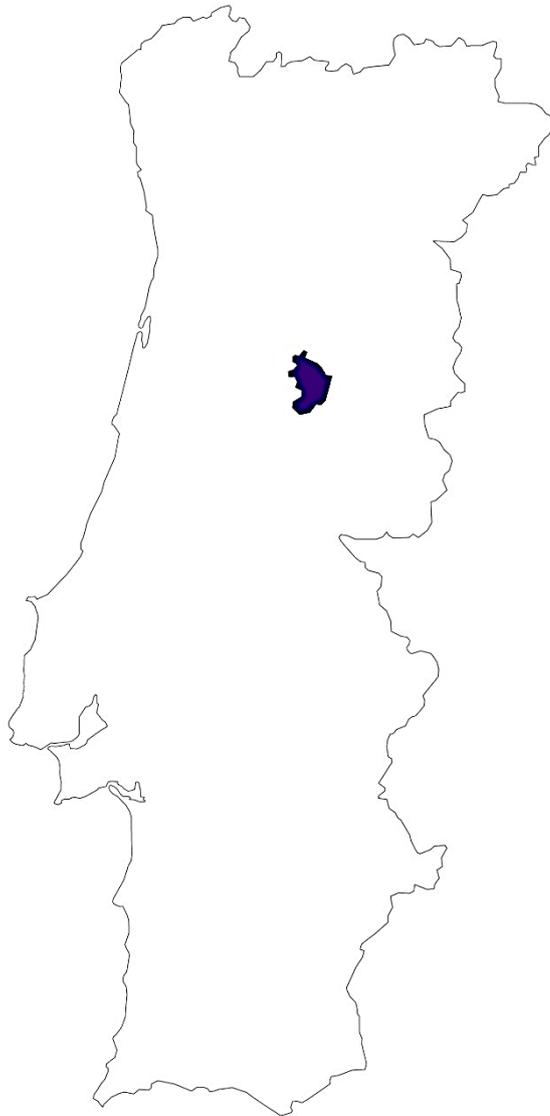
Implantado na vertente ocidental da Serra da Estrela, o Município de Seia encontra-se a uma altura média de 500 metros de altitude, compreendendo uma área de 436m². É parte integrante do Parque Natural da Serra da Estrela, uma das regiões protegidas mais vastas de Portugal, abrangendo presentemente 88.850 hectares.

A morfologia do seu território é fortemente marcada pela sua inserção na serra, com relevo irregular e o predomínio de formações rochosas graníticas. Dispõe de uma rede hidrográfica muito rica, fazendo parte da Bacia do Mondego. Assim, pertencem ao concelho, rios, ribeiras e lagoas de importância regional e nacional, tendo especial realce a Lagoa Comprida, o Vale do Rossim e o rio Alva.

Com sinais de ocupação humana que remontam a períodos anteriores à Romanização, Seia tem sido palco de interessantes acontecimentos.

A história da sua fundação permanece em discórdia, sendo a versão mais consensual, que terá sido edificada pelos Túrdulos² em 400 a.C.. No entanto, vestígios como a Anta do Carvalhal da Loíça, indicam uma vivência primitiva no concelho.

² Antiga tribo Tartéssica que, inicialmente, se fixou ao longo das margens do rio Tartessos, actual Guadalquivir.



Posição do Concelho de Seia em Portugal

Nomeada de Oppidum Sena durante a invasão romana, a sua posição geográfica denotava grandes conhecimentos estratégicos, situando-se no sopé da encosta ocidental da Serra da Estrela, em frente à Serra do Caramulo, entre os vales do Dão e do Alva, sobranceira a um planalto constituído por terrenos férteis extensos, sendo simultaneamente rica em recursos e de árduo acesso, afirmava excepcionais características defensivas.³

No séc. V, oriundos da Germânia, Alanos, Suevos, Visigodos e Vândalos instalaram-se na Península Ibérica, transformando-a, novamente, num campo de batalha. Alojando-se nas povoações romanizadas, expandiram o seu domínio e monarquias ao longo do território ibérico. É neste contexto que surge, pela primeira vez, uma referência a Seia, na divisão das dioceses.

Em 715, os povos Muçulmanos chegaram à Serra da Estrela, conduzindo, mais uma vez, a batalhas pela conquista de terras, nas quais saíram vitoriosos.

É durante a reconquista Cristã, em 1055, que surge em Seia uma das construções de maior relevância na sua estruturação urbana e na sua identidade local, o Castelo. Mandado construir por D. Fernando Magno, foi encarregue da obra Pedro de Cêa, natural da Galiza.

Por várias décadas, Seia oscilou entre o domínio Cristão e o Muçulmano, tendo sido definitivamente

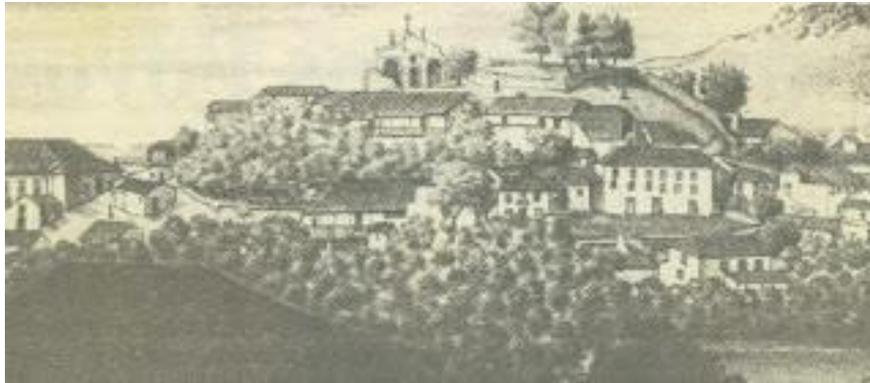
³ Consultar Anexo- O Território e a Cidade.

conquistada, após um cerco de trinta dias, por D. Fernando Magno.

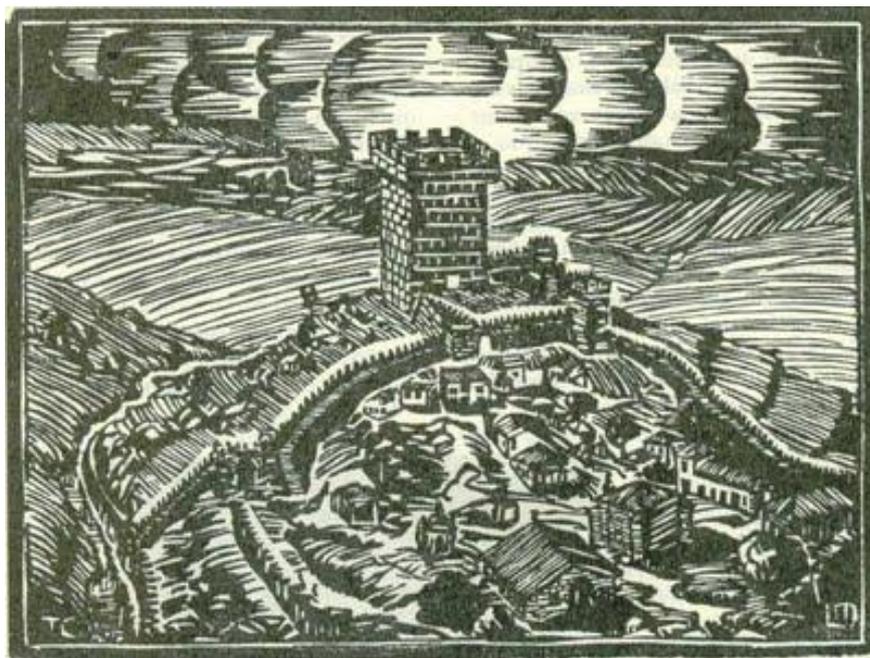
Aos cristãos, que se misturavam com os muçulmanos, não lhes foi permitido viver dentro dos muros do castelo, sendo construída uma capela de estilo românico, fora da muralha, dedicada a S. Pedro, que, como importante marco arquitectónico da época da reconquista cristã, foi classificada Monumento Nacional. Apesar da conquista em definitivo desta região, os ataques árabes persistiram. Quando, em 1132, D. Afonso Henriques chega ao território senense, encontra uma povoação pouco densa e fragilizada. Doando-a ao seu valido João Viegas e dando-lhe um Foral em 1136, o futuro rei patrocina assim o seu repovoamento e reconstrução.

Ao longo dos séculos seguintes, através de forais e de cedências de terras, muitos reis portugueses concederam a Seia sucessivos privilégios, como D. Duarte, D. Afonso V ou D. Manuel I. Deste modo, acompanhando as alterações políticas, económicas e sociais do país, Seia foi crescendo e desenvolvendo-se, dentro e fora das suas muralhas.

Contudo, em 1810, a terceira invasão francesa, que entrou pela Beira em direcção ao Buçaco, veio a causar em Seia uma profunda descaracterização. O seu castelo secular foi totalmente arrasado, alterando significativamente a sua imagem urbana. Também a Casa das Obras, actual edifício sede da Câmara Municipal de



Vila de Seia antes das Invasões Francesas- litografia de Lucas Marrão.



Castelo de Seia- reconstituição imaginária de Tavares Correia

Seia, uma interessante construção pombalina, foi incendiada, a par da Igreja Matriz e mais de cento e trinta edifícios.

Não mais foi possível à população continuar a celebrar o seu culto nesta igreja, que apenas seria retomado trinta anos depois, ao terminarem as obras de restauro.

Também durante o séc. XIX, outro acontecimento mobilizou a atenção dos senenses: a construção do Grande Túnel da Serra da Estrela, que pretendia desviar as águas do rio Alva do seu curso natural, de maneira a irrigar os campos próximos de Seia. Esta obra teve início em 1894 e dos 2Km projectados apenas foram construídos 865 metros.

Em 1903, com a vinda de um técnico de equipamentos energéticos francês, é elaborado o projecto para a primeira central eléctrica da Serra da Estrela. Após todos os problemas burocráticos serem resolvidos, de maneira a ser possível o uso das águas do rio Alva, a central da Senhora do Desterro começou a produzir energia eléctrica que, além de iluminar as diversas povoações, também serviu as indústrias da região, beneficiando amplamente o desenvolvimento de Seia, que se tornou numa das primeiras vilas portuguesas a ser iluminada através de energia eléctrica, em 1909.



Central Eléctrica da Senhora do Desterro, actual Museu Natural da Electricidade.



Senhora do Desterro, actual Central Eléctrica, fotografia de Joana Orêncio.

O responsável por este franco avanço foi António Marques da Silva, natural de Gouveia, que após terminar os estudos na Guarda e de ter trabalhado numa fábrica em Sampaio, onde gradualmente foi subindo de cargo, viu na Serra da Estrela o reflexo das suas ambições, começando a produzir energia pelo aproveitamento dos excepcionais recursos hidrográficos.

Afirmou-se como uma empresa de contínuo crescimento, estendendo o seu número de centrais e áreas às quais fornecia energia. Em 1946 torna-se uma sociedade anónima, estando aberta ao público que nela quisesse participar. Após o 25 de Abril de 1974, a Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela é nacionalizada, ficando parte integrante da EDP. A 11 de Abril de 2011, na antiga central da Senhora do Desterro, foi inaugurado o Museu Natural da Electricidade.

Foi entre as décadas de 60 e 80 do séc. XX que Seia conheceu o seu maior crescimento populacional, a par de S. Romão, à medida que, no mesmo período, a população decresce noutras freguesias. Assim, ao surgirem as novas fábricas de lanifícios de Seia e de Vodra, criaram-se condições de empregabilidade para a fixação de um elevado número de agregados familiares.⁴

⁴ Consultar Anexo- O Território e a Cidade.



A Vila de Seia nos anos 60, fotografia do professor Luís Pinto.



A Vila de Seia nos anos 60, fotografia do professor Luís Pinto.

A estes acontecimentos, soma-se, nas décadas de 70 e 80 o crescimento do turismo, revelando a importância que os equipamentos ligados à hotelaria fossem surgindo ao longo da vila. Actualmente existem em Seia três empreendimentos turísticos licenciados, dezoito unidades de Turismo Rural e oito alojamentos particulares. De forma a combater a acentuada sazonalidade do turismo na Serra da Estrela, que regista as suas épocas altas no Natal, Ano Novo e Carnaval, e aliando as potencialidades gastronómicas, ambientais e culturais do município e da região, foram criados alguns espaços museológicos. É disso exemplo o Museu do Pão, de iniciativa privada, que em 2006 foi o terceiro museu nacional mais visitado, apenas quatro anos após a sua inauguração.⁵

Todos estes episódios provocaram não só um aumento demográfico, como uma clara ampliação da malha urbana que, tal como em inúmeras outras cidades portuguesas, cresceu sem plano nem ordem, implantando na cidade elementos arquitectónicos que não convivem harmoniosamente com a paisagem ou as características do solo, distribuindo espaços públicos sem qualidade e conduzindo a vila a uma progressiva perda de identidade urbana. ⁶ Muito embora o crescimento desordenado, Seia cimentou a sua importância enquanto ponto estratégico, tornando-se cidade a 3 de Julho de 1986.

⁵ Fonte: Plano Estratégico Seia 2020.

⁶ Consultar Anexo- O Território e a Cidade.



Fotografias Aéreas, Cidade de Seia actualmente.

Actualmente, a realidade de Seia apresenta problemas demográficos, económicos e socioculturais que travaram e inverteram a linha do seu desenvolvimento. Desde 2001 a 2011, o concelho teve um pesado decréscimo populacional, passando de 28.144 habitantes para 24.647. Durante o mesmo período, encerraram 33 escolas do 1º ciclo do ensino básico, encontrando-se presentemente 18 escolas abertas no concelho. Este facto não alterou instantaneamente o ritmo de construção de imóveis, que aumentaram de 13.510, em 2001, para 15.005, em 2011.

A par com o cenário vivido em todo o país, também Seia tem graves problemas económicos. O abandono da agricultura, que em 2007 apenas representava 1% da actividade económica no concelho, o encerramento das fábricas de lanifícios, que chegaram a empregar 3000 pessoas, o consequente desemprego e a falta de competitividade e produtividade, converteram esta localidade, que outrora foi rica em ideias pioneiras que enriqueceram a região e o país, numa povoação descaracterizada, que deprecia e desconhece a sua identidade e valor patrimoniais, deixando-se ao abandono e à degradação.

Seia é uma cidade que perdeu o rosto.

Seia:
Industrialização e Desindustrialização

A Revolução Industrial é um termo genericamente aplicado à transformação dos métodos de produção desencadeada a partir do séc. XVIII, na qual o trabalho manual foi substituído pelo trabalho mecânico, o artesão e a oficina deram lugar ao operário e à fábrica. Esta mutação profunda no modo de executar possibilitou que se produzisse em grandes quantidades, em menos tempo e com menor custo, conduzindo a um significativo impacto económico e social. Tendo surgido, simbolicamente, a partir de 1776 com a invenção da máquina a vapor por James Watt, a revolução industrial iniciou-se em Inglaterra e rapidamente se difundiu por toda a Europa.

Em Portugal esta conquista mecânica chegou mais tarde. A instabilidade política vivida no decurso da revolução liberal e conseqüente guerra civil, debilitando o mercado interno, bem como a desigual distribuição da população activa ou o analfabetismo da população rural, foram factores determinantes para o atraso industrial, que só se viria a iniciar muito mais tarde, na segunda metade do séc. XIX. É neste período que começam a surgir importantes medidas potenciadoras de desenvolvimento, que se vieram a revelar cruciais para o enraizamento do processo industrial em Portugal, como a construção da rede de caminho-de-ferro, a abertura de estradas e construção de pontes, ou a instalação da primeira linha de telégrafo.

A indústria dos lanifícios tem raízes históricas importantes no concelho de Seia e em toda a área da Serra da Estrela. A longevidade e o êxito desta actividade devem-se à riqueza em linhas de água, de vital importância para a lavagem das lãs. Embora haja, igualmente, uma proximidade em relação à matéria-prima, a lã da região, que não sendo suficiente apresentava pouca qualidade, sendo na maioria das vezes adquirida no Alentejo.

Foi em 1852 que as duas primeiras fábricas têxteis do concelho foram fundadas, ambas em S. Romão, a Francisco Marques Guimarães & Pina e a Manuel Francisco Camello & Pinas. Em 1866, em Valezim, é edificada a fábrica de fição e cardação Cândido Augusto de Albuquerque Calheiros. Na década de 80 do séc. XIX, surgiram novas fábricas e empresas que produziam saragoças, briches, pano-mescla, baetas e palmilhas.

A existência de energia hidráulica na região, que inicialmente potenciou largamente o seu desenvolvimento, adiou a introdução da máquina a vapor, estagnando a produção têxtil por largos anos, pois esta era igualmente usada como energia motora.

Assim, na primeira década do séc. XX, as principais localidades associadas à indústria eram S. Romão, Loriga e Alvoco. No entanto, a falta de instrução dos industriais da época, que eram já em número considerável, levou-os a

gerir continuamente empresas de pequeno capital sem nunca se terem associado, ou seja, existiam empresas e indústrias em número excessivo, levando-as a terem uma representação de mercado inexpressiva. Em Loriga, por exemplo, existiam sete fábricas a laborar, impossibilitando o destaque de qualquer uma delas.

Os horários oscilavam entre as dez e as doze horas diárias, com meia hora de almoço e a possibilidade de fazer um turno de oito horas durante o serão. Não obstante o decreto de 14 de Abril de 1891, que regulamentava o trabalho de mulheres e crianças nas fábricas e que previa como obrigatório a construção de uma creche onde laborassem mais de cinquenta mulheres, tal como impunha o ensino primário para os menores, existiam elevadas taxas de analfabetismo. As fábricas evidenciavam condições de higiene e segurança muito débeis, sendo a tuberculose a principal causa de morte. No entanto, os movimentos operários tardaram a chegar ao concelho de Seia, ao contrário de Gouveia ou da Covilhã, onde já se tinham registado algumas greves.

Com a transformação, no início de séc. XX, do tipo de indústrias próximas do modo artesanal para as de maquinaria moderna, muitas foram as que tiveram que fechar por falta de competitividade e modernização, principalmente em Alvoco, Loriga e Valezim.

Porém, a indústria têxtil prosperou e chegou a ter uma dezena de empresas, sobretudo de base familiar, a



Fábrica António F. Camello Lda. Fotografia de Joana Orêncio.



Têxtil Manuel Carvalho Lda. Fotografia de Joana Orêncio.

operar no concelho. Não trabalhavam apenas no sector dos lanifícios, mas também produziam malhas, tapeçarias e confecções.

O mais importante industrial deste período foi Joaquim Fernandes Ferreira Simões.⁷

Em 1943 comprou uma pequena fábrica em Vodra, dando-lhe o nome de Vodratex, e, devido à prosperidade deste empreendimento, em 1958, compra a Fábrica Rainha em Gouveia.

Mais tarde, em 1961, em conjunto com dois empresários lisboetas, funda a FISEL (Fiação Estrela de Seia, L^{da}), e, um ano depois, compra, em S. Romão, a fábrica V. Martins e Filhos, de maneira a aproveitar a água que existia em abundância.

Devido ao progressivo desenvolvimento da Vodratex, em Vodra, e da FISEL, na periferia de Seia, foi necessário aumentar o número de operários e introduzir novas funções às fábricas, como a da tecelagem, tornando fundamental a construção de dois bairros operários, ambos

⁷ Nasceu a 4 de Abril de 1915 e com 11 anos foi para a Covilhã cuidar dos armazéns de lã do pai. Em 1930 iniciou o curso de Comercial do Instituto Lusitano do Comércio, que terminou dois anos mais tarde, principiando a sua actividade de comerciante de lãs em Trás-os-Montes e Alentejo.



Fábrica Lanapente, fotografia de Joana Orêncio.

com cem habitações tipo, em 1962, em Vodra, e em 1968, junto à FISEL.⁸

Em 1966 funda a Fercol, associando-se também ao sector das alcatifas, implantando a nova fábrica junto à FISEL. Em 1984 edifica a Textilana, que se dedica à produção de fios de alcatifa, e, em 1992 estabelece a Lanapente, em S. Romão, destinada à lavagem de lãs.

Por esta altura, 15% da população do concelho de Seia estava relacionada com a indústria laneira e as empresas estabelecidas na freguesia eram responsáveis por empregar mais de 3.000 pessoas.

É portanto de uma incompreensão geral que todo este espólio industrial, que permitiu tão franco desenvolvimento, tenha sido também palco de um rápido e profundo processo de desindustrialização. Não obstante, é possível numerar um conjunto de hipóteses e situações que conduziram a este desfecho.

⁸ Por ter patrocinado um crescimento ímpar na região, é agraciado com o grau de Comendador da Ordem de Mérito Industrial.

Após o 25 de Abril de 1974, surge uma nova Constituição, apoiada num conjunto de direitos sociais que não eram praticados até então. Não havendo uma contínua modernização e, muitas vezes, tendo por base uma economia de mão-de-obra barata, foi árdua e morosa a adaptação a este novo modelo económico. Esta transformação foi também dificultada pelo facto de muitas destas empresas serem de génese familiar, conduzindo a um desinteresse das últimas gerações.

Também nesta época começam a surgir mercados internacionais concorrentes que apresentavam produtos mais acessíveis.

Todavia, foi também neste período que Portugal começou a receber dinheiro dos fundos comunitários de modo a impulsionar a sua economia e o seu desenvolvimento. Devido à insuficiente e escassa fiscalização, muitos industriais usaram esses fundos para comprar equipamentos ultrapassados e máquinas em segunda mão, que os restantes industriais europeus já não queriam, tornando impossível competir com quem produzia em condições mais actuais e com mais qualidade.

É, portanto, de certo modo explicável que uma estrutura que sofre profundas alterações sociais e económicas, ao resistir à modernização, caia na inércia e, por fim, definhe.

A Fiação Estrela de Seia (FISEL)

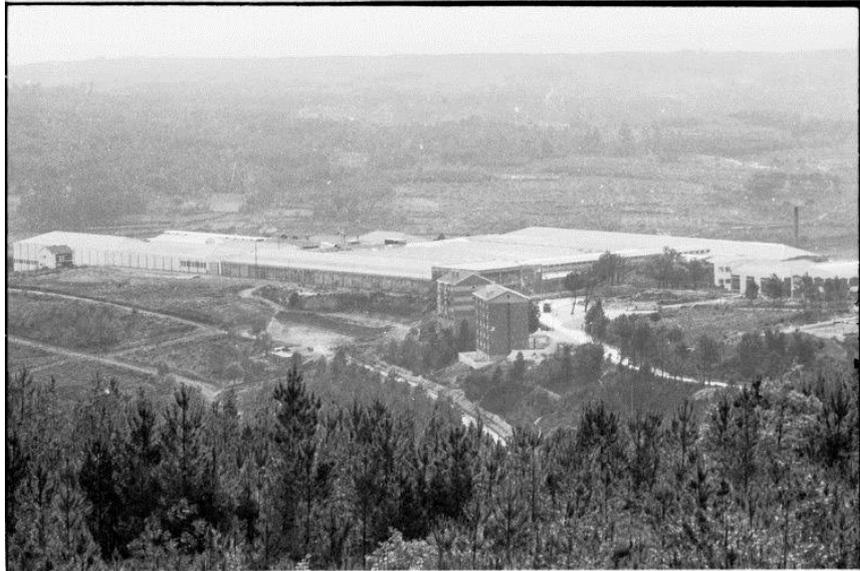
Inaugurada oficialmente pelo Presidente da República Américo Tomás, em 1964, a FISEL (Fiação Estrela de Seia, L^{da}) foi uma relevante unidade fabril que funcionou em Seia, marcando significativamente a sua economia, demografia e o desenho da cidade.

Fundada em 1961 por Joaquim Fernandes Ferreira Simões em conjunto com dois empresários da capital, Augusto Rodrigues e Augusto Bouhon, foi implantada a sul da sede do concelho, fora dos limites, de então, da vila de Seia.⁹

Produzindo, nos primeiros anos, fios de penteado em fibra de lã, no final da década de 60 adicionou o processo de tecelagem às restantes etapas executadas na fábrica, aglomerando todo o ciclo de fabricação- concentração vertical de actividades. Esta conjuntura conduziu a fábrica à construção de mais pavilhões e armazéns, ocupando uma área coberta de 40.000m².

A junção do processo de tecelagem obrigou também à procura de tecelões, que não existiam em quantidade suficiente no concelho. Deste modo, dezenas de famílias deslocaram-se, sobretudo vindas de Gouveia, da Covilhã e de Tortosendo, para Seia. Como a vila não possuía habitações suficientes para as receber, a empresa foi

⁹ Facturava 72 milhões de escudos em 1968, e, dez anos depois, multiplicou o seu lucro ganhando 650 milhões de escudos, exportando para o Reino Unido, Finlândia, Dinamarca e Suécia, chegando a ambicionar penetrar no mercado americano.



A FISEL nos anos 60, fotografia do professor Luís Pinto.



Fotografia Aérea, a FISEL actualmente.

forçada a um novo empreendimento que cativasse e fixasse os novos trabalhadores: a construção do bairro operário.

Posteriormente, ao associar a tecelagem e a confecção, estabeleceram-se importantes contactos entre estilistas da empresa e o designer italiano Sérgio Negrini.

Não obstante o grande esforço de investimento e modernização, a gradual concorrência dos mercados estrangeiros, com produtos mais acessíveis, acabou por se tornar muito prejudicial para o desenvolvimento da empresa, que já estava sobredimensionada, conduzindo-a à estagnação.

Durante o início da década de 90, a FISEL sofreu um profundo processo de reestruturação, originando uma proposta de deslocalização da fábrica para a Vila Chã. A fábrica seria demolida dando origem a uma nova urbanização. O caso foi estudado e submetido a avaliação por parte da Câmara Municipal que se pronunciou a favor. Todavia, ao constatar-se que Vila Chã não possuía condições hidrográficas que suportassem o funcionamento da fábrica, o projecto foi abandonado.

Deste modo, pouco tempo depois, a FISEL é vendida a um grupo de industriais da Covilhã, passando a chamar-se Beiralã.

Este novo grupo produziu tecido de grande qualidade conseguindo destacar-se no panorama nacional e internacional.



FISEL, parte da fachada principal. Fotografia de Joana Orêncio.

No entanto, como outras empresas e indústrias, desvalorizou-se e esmoreceu gradualmente, encontrando-se hoje a fabricar quantidades mínimas com um número muito reduzido de operários.

Hoje, a Beiralã mantém-se aberta apenas para não encerrar.



O Pólo Industrial dos anos 70, fotografia do professor Luís Pinto.

O Bairro da Fisel

A Implantação e a Unidade Habitacional

Como foi exposto anteriormente, a necessidade de construir um bairro operário na periferia de Seia, junto à fábrica da FISEL, nasce do aumento do corpo operário da fábrica através a introdução de uma nova etapa de fabricação: a tecelagem.

Estes novos operários, naturais da Covilhã, Gouveia e de Tortosendo, não dispunham, em Seia, de habitações suficientes que fizessem face a este inesperado movimento migratório. Por conseguinte, e de maneira a fixar estas novas famílias na vila, foi construído, ao lado da fábrica de lanifícios, o Bairro da Fisel.

Composto por cem habitações, foi edificado junto à fábrica, a Noroeste, numa cota inferior, com a FISEL como horizonte sudeste e a vila a 1Km de distância, tendo sido construído num conjunto de terrenos que pertenciam a Joaquim Fernandes Ferreira Simões, dono da fábrica de lanifícios.

A construção do bairro coube às firmas Manuel Rodrigues Gouveia, de Galizes, e a Joaquim Albuquerque Saraiva & Filhos L^{da}, de Nespereira, Gouveia.

A sua implantação, que nos dias de hoje condiciona acentuadamente as suas interligações urbanas, nasce da intenção de adequar a construção a um terreno em socalcos, originando um aspecto forte.¹⁰

¹⁰ Consultar Anexo O Bairro na Cidade.

Embora na altura da sua construção não existissem relações de envolvente construída, apenas as matas e quintas circundantes, facto que clarifica igualmente a sua inserção voltada para si próprio e para a fábrica, a colocação do bairro no solo advém de um grande conhecimento do terreno, ao qual este se adapta. As habitações são dispostas em banda, associando duas filas de casas, entre dez a treze unidades habitacionais, com uma interrupção que origina uma passagem transversal a meio do bairro.¹¹ Existe, também, uma única fila sem par, de sete casas, situada na cota mais alta, no topo inicial do bairro e mais próxima da fábrica.

Esta inserção no terreno é detentora de peculiaridades que, mais tarde, acabaram por condicionar veementemente a sua aglutinação na malha urbana de Seia que, ao crescer, agrega em si o bairro, mas não o torna sua parte integrante. Este facto não só é da responsabilidade do desenho urbano do bairro (ou da sua falta), mas sobretudo porque os terrenos que o envolvem eram quintas privadas, que ao serem sucessivamente adquiridas e urbanizadas, também não tiveram em conta o que as envolvia, não criando conexões.

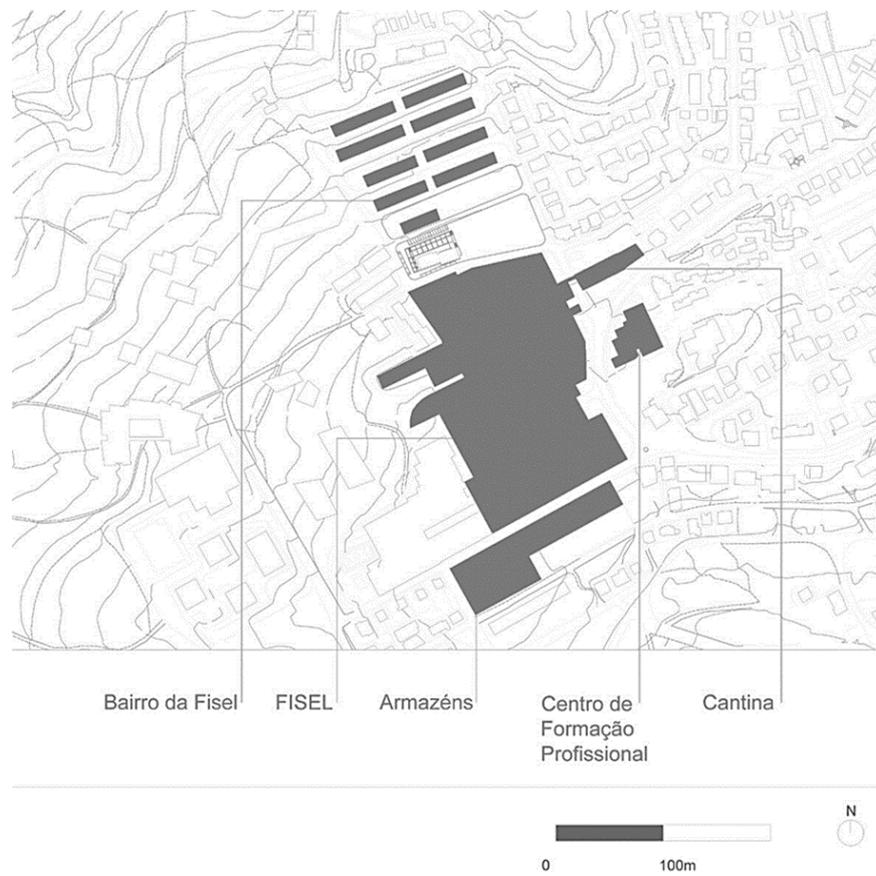
Todavia, o Bairro tem singularidades que o transformam num corpo isolado, como é o caso dos acessos às habitações. As diversas alas de casas estão

¹¹ Consultar Anexo O Bairro.

separadas por ruas de cinco e sete metros de largura, alternadamente, em que, cada via é ladeada pelas fachadas da frente da fila inferior e as fachadas de trás da fila superior, não existindo comércio ou restauração. Esta característica confere a estas ruas um carácter quase privado, sendo, na sua maioria das vezes, apenas vividas pelas pessoas que habitam o bairro.

A sua falta de relação com o restante tecido urbano está igualmente vinculada à existência de fachadas cegas viradas para as duas ruas que limitam o bairro, a sudoeste e a nordeste (a rua dos Lanifícios) e que o ligam à cidade que o circunda, não existindo, deste modo, relações visuais entre os habitantes do bairro e a malha urbana envolvente. Esta descontinuidade é ainda mais acentuada pelo desnivelamento das plataformas, onde assentam as habitações, com as ruas laterais, sendo resolvido através de taludes que ampliam a ruptura entre o bairro e a cidade.

Outro aspecto fundamental na caracterização da sua implantação relaciona-se com o facto de não ter sido construído o complexo de apoio ao bairro, pois este, situando-se fora da vila, precisava da proximidade de certos serviços que não possuía. Este complexo situar-se-ia na cota mais alta, entre a última fila sem par de sete casas e a rua superior, actual Rua Cândido dos Reis, que separa o bairro da fábrica. Não sendo erigido, deu origem a um extenso vazio (cerca de 5400m²) que afasta o bairro da cidade e amplia a sua desagregação face ao restante



Implantação dos edifícios que constituíam o parque industrial de Seia nos anos 70.

tecido urbano. Deste modo, este espaço apenas abrange uma função: a habitação, não estimulando que pessoas não associadas ao bairro ou aos seus habitantes tornem as ruas “públicas” e vivas.¹²

Construído igualmente no início dos anos 70, sendo propriedade da FISEL até 1994, quando foi vendido ao Estado, o edifício da cantina era um local de apoio aos operários e aos habitantes do bairro, onde, além do refeitório e de algumas secções de metedeiras de fios, funcionavam também algumas trocas comerciais.

Próximo da fábrica e do edifício da cantina funcionava também o Centro de Formação Profissional, actual Centro de Emprego, que foi sempre propriedade do Estado Português e destinava-se a formar profissionalmente todas as pessoas que trabalhavam ou estavam interessadas em trabalhar no sector dos lanifícios nesta região.

Deste modo, o Bairro, a Fábrica, a Cantina e o Centro de Formação Profissional formavam, no início dos anos 70, o parque industrial da vila de Seia; no entanto estes equipamentos tinham, e têm, poucas relações com o Bairro, pois estão implantados em cotas muito díspares entre si, dificultando a interacção urbana entre os diversos espaços.

¹² Consultar Anexo O Bairro



Edifícios actualmente. À esquerda o Centro de Emprego e Formação Profissional, em frente a Fábrica e à direita o edifício da Cantina. Fotografia de Joana Orêncio.



Edifício da Cantina, fotografia de Joana Orêncio.

Conforme foi descrito, o bairro da Fisel é composto por cem habitações unifamiliares que se dispõem em banda.

Todas estas unidades foram construídas partilhando o mesmo desenho, não existindo diferenças formais entre as cem casas, diferenciando-as a posição dentro do bairro e o número da porta.

Através de fontes orais, foi apurado que este projecto não foi da responsabilidade da fábrica nem do poder local, tendo sido elaborado e enviado pelo Estado e depois adaptado pelos desenhadores e projectistas locais.

As habitações apresentam, em planta, uma forma rectangular, detendo dimensões reduzidas- 10,74 metros de comprimento e 5 metros de largura. Cada habitação possui dois pisos e um sótão, dispondo de uma cobertura inclinada, de duas águas, e de um pequeno logradouro, cujas dimensões variam de acordo com a implantação, atribuindo às habitações um pequeno espaço exterior.

No interior reflectem-se as pequenas dimensões que se adivinham contemplando as fachadas. No primeiro piso, onde se realiza a entrada, encontramos a sala de estar, com 9,20m², seguida da sala de jantar, com 13,20m², e a cozinha, com 5,7m². No piso superior situam-se os quartos, três, o primeiro com 13,20m², o seguinte com 6,80m² e o último, com 9,95m²; e uma casa de banho, a única da



Bairro da Fisel, fotografia cedida pelo Atelier do Boído.



O Bairro da Fisel, fotografia cedida pelo Atelier do Boído.

habitação. O sótão abrange a área total de um piso, no entanto, sendo a cobertura inclinada, existem superfícies, a maioria, dificilmente habitáveis, não dispendo, também, de iluminação natural.

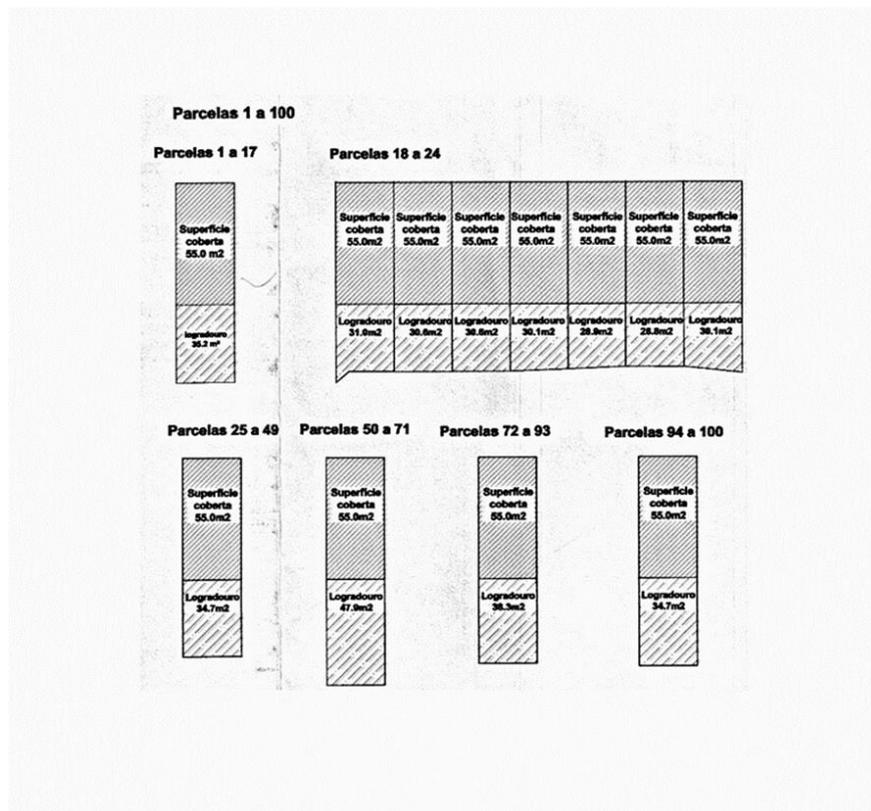
Ainda que as habitações apresentem dimensões muito modestas, segundo o desenho, cada quarto poderia estar destinado a duas pessoas, remetendo a cada casa um número máximo de seis pessoas, imprimindo no bairro uma forte densidade populacional.¹³

“As ruas e as calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parece interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.”¹⁴

Deste modo, se considerarmos as ruas como o espaço primordial e caracterizador da cidade, como defendia Jane Jacobs, e tomarmos o bairro como exemplo de uma pequena cidade compacta, percebemos o seu carácter desinteressante, pois as suas ruas são tristes e monótonas.

¹³ Consultar Anexo A Habitação.

¹⁴ JACOBS, Jane_ *Morte e Vida de Grandes Cidades*, página 29.



Esquema das diferenças entre os logradouros, imagem cedida pela Câmara Municipal de Seia.

A escritora e activista política defendia também a aplicação de três pontos fundamentais para que a rua pudesse acolher um eclético número de pessoas que habitassem as vias.

O primeiro destes três pontos argumenta que deve existir uma clara separação entre o que é público e o que é privado. Ora, como foi demonstrado anteriormente, tal não acontece pois, como a única função destas ruas é levar os operários às suas respectivas casa, só são habitadas pelos mesmos, conferindo a estas vias uma conotação quase privada quando são espaços públicos, tornando-se áreas de profunda ambiguidade.

O segundo ponto defende que os edifícios devem estar virados para as ruas, a olhar para as ruas, o que apenas sucede de um dos lados destas, deixando uma face cega e desinteressante.

Por último, o terceiro ponto enuncia que, para as ruas serem seguras e cativantes, devem ser intensamente ocupadas. Uma vez que não podemos impor que determinados espaços sejam vividos, o modo mais adequado de tornar as ruas espaços que atraiam e envolvam as pessoas é adicionar-lhes um relativo número de serviços como lojas, cafés ou restaurantes, que se tornam focos de atracção e de apropriação do espaço público.

Todavia, o Bairro da Fisel é estritamente habitacional, não tem movimento e quando este acontece está cingido a um horário e a um número restrito de pessoas, tornando as suas ruas aborrecidas, potencialmente inseguras e colocando-as numa relação distante com a cidade, onde parece que pousou sem referências, sem fusão, sem diálogo. Não obstante o carácter de objecto estranho que pousa na cidade, foi o bairro que chegou primeiro e é ele a construção mais antiga, tendo mais uma década que a expansão urbana de Seia que o aglutina.

Podemos, pois, depreender que o Bairro da Fisel, pela inserção no terreno, pelo seu desenho e pelo seu carácter monofuncional, culminou num espaço equívoco que se encontra, actualmente, no centro da cidade mas, no entanto, fora dela.

Bairro da Fisel_ habitar há quarenta anos

Quando, em 1971 este conjunto de habitações operárias foi construído, a vila de Seia não fazia parte da sua paisagem. Com o rápido e desmedido crescimento ocorrido durante os anos 80, o bairro e a fábrica foram incorporados na malha urbana mas, até hoje, não existe uma real junção entre a cidade e estes espaços.

O bairro, que era um complexo constituído na sua totalidade por operários da fábrica não naturais de Seia, tinha já formado uma forte comunidade fechada e comportava-se, na cidade, como um núcleo encerrado em si mesmo. Ao isolamento urbano, associou-se um isolamento social.

Em conjunto com a barreira física entre o bairro e Seia, existiam também outros factores que tornavam mais inacessíveis as interacções entre a sociedade senense, proporcionados, talvez, pela inicial distância entre o parque industrial, seus equipamentos e as pessoas a eles associados, e o centro nuclear da vila.

Deste modo, era a fábrica que proporcionava, através do C.C.D.R.P.F. (Centro Cultural Desportivo e Recreativo do Pessoal da FISEL), os momentos de lazer, cultura e desporto, que esta comunidade procurava, enraizando cada vez mais o carácter bairrista e o sentido de apropriação do (seu) espaço no bairro e na cidade.

No entanto, tal como aconteceu por todo o país, Seia sofreu uma contínua desindustrialização e a FISEL padeceu

de um enorme declínio. Esta conjuntura veio a originar profundas alterações no bairro.

Devido aos problemas financeiros que a fábrica ia enfrentando, foi decidido, em 1991, que seria proposto aos operários comprarem as habitações onde viviam e pelas quais pagavam uma renda quase simbólica. A proposta revelou-se um sucesso e, seis meses mais tarde, as cem unidades habitacionais foram vendidas por 980 contos.¹⁵

Esta nova realidade adicionou ao bairro novas características que o vieram alterar consideravelmente.

Embora as cem casas tenham sido vendidas, alguns dos novos proprietários decidiram revender os seus recentes bens imobiliários, levando o bairro a deixar de ter uma apropriação única e exclusiva por parte dos operários da fábrica de lanifícios. Deste modo, surgem novos vizinhos e uma mistura de pessoas com actividades e horários diferentes.

A dinâmica do Bairro da Fisel altera-se pela primeira vez em vinte anos de existência.

Por outro lado, a compra das casas onde já habitavam gerou um sentimento novo face ao bem adquirido, os espaços eram verdadeiramente seus e podiam alterá-los segundo o seu gosto e vontade.

¹⁵ Quantia que actualmente corresponde a 4.900€.



Bairro da Fisel, fotografia de Joana Orêncio.



Bairro da Fisel, fotografia de Joana Orêncio.

Este facto conduziu a uma intensa descaracterização do bairro.

Foram construídos anexos e garagens que não constavam no projecto inicial, levando a alguns problemas legais. As casas foram sendo adaptadas a cada família através dos seus próprios meios e tanto os seus interiores como as fachadas sofreram alterações, tanto associadas ao maior conforto e funcionalidade dos espaços, como com a diferenciação dentro do bairro e gostos pessoais.

Hoje em dia, nenhuma das cem unidades habitacionais é igual entre si.

Alteraram-se portões, portas, caixilhos, algumas casas foram pintadas de cores diferentes, incorporando as predileções particulares dos seus moradores. Muito embora a maioria destas modificações tenham ocorrido com o intuito de melhorar as condições de habitabilidade das casas, o desenho uniforme caracterizador do bairro perdeu-se, tornando-o inestético, dissonante e incaracterístico.

No decorrer da década de 90, a cidade de Seia continuou a crescer, em equipamentos e infraestruturas. Foram edificados novos bairros e urbanizações, sem arquitectura ou um planeamento sério. A cidade avançou horizontalmente, sem estratégia clara e bem definida nem



Bairro da Fisel_ diferenças. Fotografias de Joana Orêncio.

uma ordem, dando origem a espaços de uma ampla “desurbanidade”.

À medida que este crescimento se ia desenrolando, o Bairro da Fisel decaía e estagnava.

Embora contasse com uma sólida densidade populacional, não possuía as infraestruturas que acompanhavam as construções que o circundavam.

A sua falta de interligação com a cidade era também intensificada pela falta de mobiliário urbano ou infraestruturas como passeios e iluminação pública.

Esta tendência para a total marginalização e afastamento da cidade só foi contrariada em 2003, partindo de um concurso público para um Projecto de Requalificação Urbana do Bairro da Fisel.

Este concurso foi ganho pelo Atelier do Boído, da Póvoa de Varzim.

O projecto revelou-se determinante na resistência do bairro à brutal separação face à cidade, ao seu progresso e aos demais cidadãos.

Do seu plano faziam parte diversas reabilitações de infraestruturas indispensáveis como as eléctricas, as telecomunicações, o gás natural ou a rede de esgotos.



Bairro da Fisel durante as obras de requalificação, fotografia cedida pelo Atelier do Boído.



Bairro da Fisel durante as obras de requalificação, fotografia cedida pelo Atelier do Boído.

A par das reparações, o bairro começou igualmente a usufruir de arruamentos pavimentados e, pela primeira vez, de passeios para peões, equipados com bancos, iluminação pública, caixotes do lixo, lugares de estacionamento e árvores, tornando, finalmente, as vias de acesso às casas num espaço urbanizado e cómodo.

Também a rede de distribuição de água foi aperfeiçoada, não só pela introdução de bocas de rega e marcos de incêndio, como pela colocação de uma rede de drenagem de águas residuais, domésticas e pluviais.

Embora parte do carácter desenquadrado do Bairro da Fisel dentro da malha urbana da cidade tenha persistido, as diferenças de conforto e bom funcionamento das suas ruas em relação às restantes ruas e urbanizações de Seia foram amenizadas.

O Bairro da Fisel Hoje_ retrato sociológico

Para que seja de melhor entendimento o modo de funcionamento e apropriação do bairro da Fisel na actualidade, sobretudo pretendendo elaborar uma proposta a ele associada, é de vital consideração conhecer as principais características de quem o vive e habita.

Presentemente, mais de oitenta casas, em cem, são habitadas por famílias que tiveram, em alguma fase das suas vidas, um vínculo com a fábrica.

Em relação aos tipos de agregados familiares presentes, percebemos que mais de 50% são compostos por casais, a maioria na casa dos sessenta anos; mais de vinte famílias são compostas por pais e filhos jovens e 13% das casas são habitadas por idosos sozinhos.

Além desta composição, foi possível constatar que mais de 80% das unidades habitacionais pertencem e são ocupadas pelas mesmas famílias há mais de quarenta anos.

Quase a totalidade das habitações são propriedade dos seus moradores, sendo a percentagem de casas arrendadas muito reduzida.

Outro facto de fundamental importância para captar o mais adequadamente possível o tipo de ocupação que o Bairro da Fisel tem actualmente, recai no crescente número de casais jovens que, desde os últimos dez anos, tem vindo a procurar e adquirir aqui a sua casa.

Um dos casos de maior significado e interesse, constatado em Abril de 2013, numa visita ao Bairro da

Fisel¹⁶, é o de um jovem casal, com um filho muito pequeno, que se tinha mudado para o bairro, fazia seis meses, comprando uma das habitações. Ora, havendo a possibilidade de adquirir um imóvel em outras zonas da cidade, nomeadamente locais mais recentes, a preços igualmente interessantes e competitivos, porquê escolher o “ex. bairro operário”?

Deste modo, partindo destes dados de cariz sociológico, podemos depreender que, embora a grande massa de moradores sejam casais de meia-idade que foram operários da fábrica, começa a ser muito representativo o número de novos casais que, dentro da cidade de Seia, escolheram o Bairro da Fisel para residir.

Este facto é ainda mais significativo quando nos apercebemos que as novas avenidas, os novos bairros e as modernas urbanizações têm tendido para o abandono, enquanto o Bairro da Fisel, o “ex. bairro operário”, o bairro social, o bairro desconexo face à cidade, é o local procurado e preenchido.

¹⁶ Aquando da realização do trabalho de campo que culminou nos presentes resultados.

Seia e os edifícios industriais que permanecem

“ Una ciudad es algo más que una suma estadística de sus habitantes. Una ciudad tiene el poder de generar un excedente de amenidade que constituye una de las varias razones que hacen que la gente prefiera vivir en comunidade a hacerlo en el aislamiento.”¹⁷

Como foi previamente exposto, a cidade de Seia encara nos dias de hoje um problema tóxico na sua estruturação urbana: tendo sucumbido à desindustrialização, acolhe na sua malha, junto a pontos e artérias importantes, cheios e vazios de carácter industrial que comungam do mesmo abandono e descaracterização, desvalorizando o que os rodeia.

A Fábrica Beiralã¹⁸ cuja área total de 40.000m² corresponde a uma superfície muito significativa do núcleo central da cidade, encontra-se em coma, definhando a cada dia, produzindo modestamente de forma a não encerrar em absoluto. Contudo, também o facto de ainda laborar, compromete a eficiência ambiental que o município quer alcançar, pois comporta uma indústria altamente poluente que, pelo crescimento urbano que outrora proporcionou, se encontra actualmente numa das zonas mais centrais de Seia.¹⁹

¹⁷ CULLEN, Gordon _ *El Paisaje Urbano_ tratado de estética urbanística*, página 7.

¹⁸ Nome dado à Fábrica FISEL após ter sido adquirida por industriais da Covilhã.

¹⁹ A primeira ambição enumerada no Plano estratégico *Seia 2020* é fazer de Seia uma cidade de referência ambiental.

Compartilhando a situação complexa das instalações da fábrica, encontra-se o edifício da cantina. Esta construção, que além do refeitório também albergava parte do processo de produção da fábrica, foi construída nos anos 70 e vendida ao Estado em meados dos anos 90, tendo sido desactivada de qualquer tipo de funções em 1996. Presentemente, é uma estrutura abandonada, sem função nem ocupação, que flanqueia o culminar da mais importante avenida da cidade, a Avenida 1º de Maio, com a sua fachada desprezada e triste.

Contrariando o desleixo de que as estruturas da fábrica e do edifício da cantina padecem, o antigo Centro de Formação, que sempre esteve em posse do Estado desde a sua construção em finais dos anos 60, e se destinava a formar profissionalmente todas as pessoas que estivessem a trabalhar na indústria dos lanifícios de toda a região, ou assim o pretendessem, é actualmente o Centro de Emprego e Formação Profissional de Seia (CEFP). Deste modo, aproveitando instalações cuja finalidade a que se destinavam desapareceu, foi possível prevenir uma potencial ruína.

Contudo, os benefícios da ocupação deste espaço vão muito além do declínio que impediu, pois, valendo-se de uma estrutura já existente, bem equipada e detentora de uma posição cativante, o CEFP gerou à sua volta comércio e serviços, apropriação do espaço público, novas dinâmicas de transportes colectivos, tudo no centro da

cidade, sem dispersar as pessoas e sem conduzir a um novo investimento de raiz que acarretaria custos que não seriam acompanhados dos mesmos benefícios para a cidade de Seia.

Se por um lado é decisiva uma acção antecipada de ideias e planeamento, de forma a evitar que a fábrica, ao expirar, se transforme por tempo indefinido, num espaço desocupado em declínio de 40.000m², é também indispensável olhar para o Bairro, para a sua vitória face ao tempo, à desindustrialização e à quebra demográfica, apropriando a área vazia que o remata num espaço de proposta.

É neste âmbito que esta investigação apresenta em seguida as suas ideias e os seus projectos tendo como principais metas a requalificação de uma área de grandes proporções numa cidade de dimensão moderada que, porém, é rica em memória colectiva, e está na iminência de se tornar um espaço fantasma; e celebrar o êxito do bairro operário, não sendo indiferente às suas falhas e à descaracterização que continuamente foi sofrendo, ambicionando que através do desenho e do projecto, este se possa afirmar como um espaço de excelência para habitar em Seia.

“Mas com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece os motivos do seu próprio desenvolvimento.”²⁰

²⁰ Rossi, Aldo_ *A Architectura da Cidade*, página31.

A Fábrica_ uma nova ocupação, uma vida nova

Durante este processo de análise e de maneira a que as propostas apresentadas, em forma de programas e de projectos, sejam, de facto, uma resposta pertinente, exequível e viável, teve-se em especial atenção os planos da autarquia e documentos como o *Plano Estratégico Seia 2020*, elaborado pelo CEDRU (Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano)²¹, e o Plano Director Municipal, nunca deixando de os avaliar criticamente, enquanto cidadã senense e estudante de Arquitectura.

Ora, como na primeira parte da proposta o que se pretende é dar uma nova vida, através de novas funções e de uma diferente apropriação do espaço, aos edifícios de origem industrial que se encontram vazios, ou na iminência de assim se tornarem, o estudo teve sobretudo atenção aos programas novos apresentados pela Câmara como de especial interesse para a cidade e o concelho, que tivessem a capacidade, não só de se ajustarem ao tipo de instalações, mas também de serem capazes de revigorar e vitalizar uma zona tão carismática da cidade.

Assim, após a avaliação das propostas camarárias em contraponto com a investigação anteriormente realizada, o programa mais considerado para a fábrica e o edifício da cantina é o de um Cluster Empresarial, Industrial e Comercial.

²¹ Empresa de consultoria técnica nos domínios do Território, da Economia, da Sociedade e da Cultura.

Uma vez que, como é especificado no PDM, a autarquia se auto propõe a: criar uma incubadora de empresas voltada para o turismo, qualificar a função comercial na área central de Seia, promover a qualificação dos recursos humanos, criar uma agência de desenvolvimento de Seia, apoiar iniciativas empresariais de jovens providenciando as condições de instalação e residência; tornou-se imperativo questionar onde estava a ser pensada a materialização destas ideias, vindo a constatar que ainda não têm um lugar definido.²²

Por conseguinte, é da convicção da presente investigação, que a proposta que consta nos objectivos do Município pode e deve ser aperfeiçoada e alargada a outras valências, e que o local mais desejável para acolher tal programa são as instalações da fábrica, tanto pelo que oferece à fábrica, como pelo que a fábrica pode proporcionar ao programa.

Muitas são as motivações que apontam este espaço como um lugar absolutamente estratégico para esta intervenção.

Em primeiro lugar, o facto de estarem próximas do fim as funções que alberga, a indústria têxtil dos lanifícios, que da maneira como actua, caminha largamente para o fim, não sendo também praticável uma actividade tão

²² Fonte: entrevista à Dra. Lúcia Leitão, deputada municipal independente, eleita a 29 de Setembro de 2013, e ex-vereadora independente durante o mandato anterior.

poluente no centro de uma cidade, especialmente querendo esta tornar-se referência ambiental. Serão estruturas abandonadas e precisarão urgentemente de ser usadas de forma a não se tornarem em mais uma ruína industrial. A possibilidade de demolição é aterradora se considerarmos que não existem meios financeiros para construir nem a cidade suportaria um vazio de 40.000m² num ponto tão central.²³

Seguidamente, é de considerável realce a proximidade deste espaço com o CEFP (Centro de Emprego e Formação Profissional), que continua a formar novos profissionais, em áreas diversas e que é o lugar de excelência para recrutar mão-de-obra especializada que concluiu a sua formação ou que ainda se está a formar. Desta forma, o lugar de formação e o lugar de laboração distariam escassos metros um do outro, beneficiariam das mesmas redes de contactos, comunicação e transportes (já existentes), estando as condições criadas para que se promovam facilmente parcerias, auxiliando-se mutuamente e favorecendo a cidade, a sua população trabalhadora e os seus jovens.

²³ É também importante referir o caso da memória que a fábrica carrega, que é tão importante para Seia e para os senenses.

Um outro elemento relevante é a sua igual vizinhança com o CACE (Centro de Apoio à Criação de Empresas), situado nas antigas instalações da Fercol²⁴.

Foi fundado em 1994 e apenas tem capacidade de albergar 5 indústrias e 9 serviços durante um período de três a cinco anos. A par do CACE, existe também neste espaço o Centro de Associação dos Artesãos da Serra da Estrela.

Ora, como todos estes espaços, o novo Cluster, o CEFP e o CACE comungam de objectivos semelhantes: a formação de trabalhadores e empresários e o auxílio na busca do primeiro emprego ou na fundação de uma pequena empresa, podem trabalhar todos em cooperação.

Ademais, as próprias instalações da fábrica, amplas, com várias naves espaçosas de várias dimensões, com pés-direitos altos, sugerem uma espacialidade ideal para albergar inúmeras funções, dada a versatilidade oferecida pela generosidade espacial, teria a flexibilidade necessária para acolher empresas, pequenas indústrias não poluentes, comércio e feiras. Também o edifício da cantina, embora de menores dimensões, tem todas as capacidades para complementar as condições espaciais que a fábrica oferece, disponibilizando de igual forma espaços mais moderados ideais para trabalho de escritório e administrativo.

²⁴ Antiga fábrica de alcatifas contígua à FISEL e pertencente ao mesmo dono e sócios.

Deste modo, o poder local, tendo por base a sua análise do território e de todas as suas dinâmicas, conclui que Seia necessita de um espaço dedicado à economia local e de assistência aos novos empresários e jovens desempregados. Esta investigação conclui que o local onde este programa poderia ter mais impacto positivo, tanto para o seu desenvolvimento como para a renovação de uma parte da cidade tão significativa na malha urbana de Seia pela sua história e memória simbólica, é nas instalações actuais da Fábrica Beiralã e do abandonado edifício da cantina.

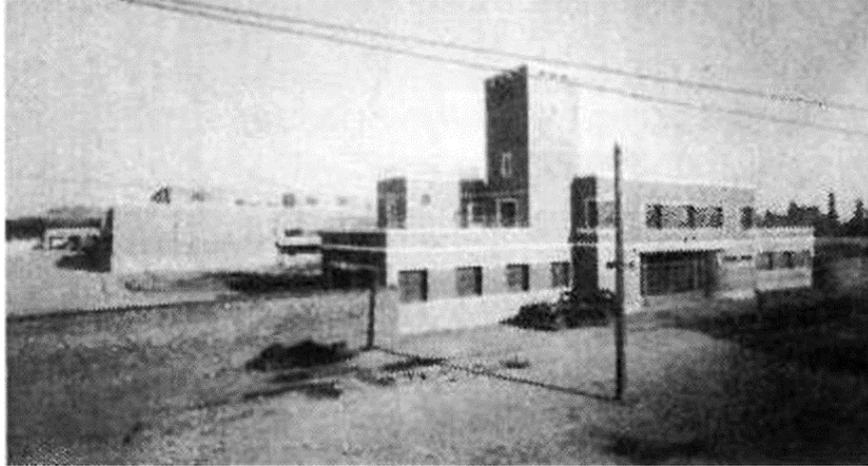
Assim e em conclusão, é legítimo crer que, caso este programa, ou outro, não tomem lugar nestes espaços com tantas potencialidades, o seu futuro é ruir morosamente e gerar, numa das mais importantes centralidades de Seia, uma fissura urbana de complexa reparação. Serão 40.000m² de nada, dum nada que outrora foi progresso, que foi emprego e que foi impulso urbano.

“ Muitas das realizações que se ergueram até finais dos anos sessenta encontram-se hoje desactivadas e surgem aos olhos dos cidadãos como um novo tipo de ruína, suscitando perplexidades várias. O seu desaparecimento por demolição e substituição ou a sua manutenção por reaproveitamento funcional ou museificação colocam desafios acutilantes, para os quais não há respostas pacíficas.”²⁵

A importância da História está nos exemplos que nos deixa e nas memórias que faz perdurar e, por conseguinte, é indispensável olhar para locais onde semelhantes processos de desindustrialização conduziram a estruturas abandonadas das suas funções iniciais como acontece actualmente em Seia.

Um desses exemplos é o Matadouro Municipal de Valladolid, em Espanha, que, após ter findado a sua função, se converteu num Centro Cívico em 1996, impedindo desta forma que as suas instalações caíssem em decadência e, alterando o seu programa tornado dispensável, albergou outro relevante para as necessidades da cidade não sendo obrigatório um investimento de raiz.

²⁵ GUIMARÃES, Carlos_ *Docomomo Ibérica: A Arquitectura da Indústria, 1925-1965*, página 5.



Matadouro Municipal de Valladolid.



Matadouro Municipal de Valladolid actualmente.

Outro modelo interessante é o caso das antigas instalações da Standard Eléctrica, em Lisboa. Este edifício, construído em 1945, projectado pelo arquitecto Cotinelli Telmo, encerrou as suas funções durante a década de 70, tendo caído no abandono. Só em meados dos anos 80, quando foi comprado pela Camara Municipal de Lisboa, foi recuperado e é hoje a sede da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Embora em muitos destes casos os edifícios intervencionados sejam portadores de qualidades arquitectónicas inegáveis, o que não acontece nos equipamentos industriais implantados na cidade de Seia, o que é preocupante não é essa qualidade individual de cada edifício, mas a qualidade urbana que a sua renovada apropriação pode gerar ou, pelo contrário, as deficiências e a decadência, tanto individual quanto urbana, que a sua desocupação proporcionará.

O desleixo total destes edifícios é iminente e as consequências desse descaramento são muito caras para uma cidade com as proporções de Seia. Tornou-se crucial, portanto, que se reflita, que se discuta e que se proponha, para que estes problemas deixem de ser ignorados e deles possam surgir interessantes soluções para a cidade.

A indústria, na forma em que Seia a explorou, deixou de ser viável, sobretudo pelo impacto ambiental que provoca, mas também pelas diferentes exigências dos mercados. Tal como Seia, muitas outras cidades e vilas, de



Standard Eléctrica, actual sede da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

maiores e menores dimensões, se confrontam com os edifícios abandonados fruto da desindustrialização. É um problema urbano, a nível (sobretudo) europeu, mas é também uma tela de ideias a explorar que podem vir a tornar-se num novo impulso.

No entanto, a proposta pretende ir além do que é mencionado pelos planos municipais, propondo um programa novo, implantando-o nos armazéns a noroeste da fábrica que complementa o Cluster, acrescentando-lhe valor e publicitando-o.

À imagem do que se realiza no CISE (Centro de Interpretação da Serra da Estrela), onde a flora e a fauna da serra são estudadas e investigadas, dando a conhecer ao público as riquezas naturais e de excepção existentes na região, proporcionando igualmente actividades que aproximam as pessoas e lhes incutem um maior conhecimento e gosto pelas paisagens que as envolvem, a presente investigação almeja, do mesmo modo, propor um espaço que investigue e que dê a conhecer as várias indústrias da região, o CIIS (Centro e Interpretação da Indústria Senense). Assim, este novo programa homenagearia a memória de quem, com o seu trabalho, deu a Seia e à região novos produtos e novas economias; estudar-se-ia o aproveitamento dos recursos, os novos métodos, contrapondo-os com os antigos, de forma a proporcionar o conhecimento necessário para gerir uma

indústria saudável e competitiva, que se realizaria ao seu lado, na fábrica.

Se no CISE se estudam os recursos naturais, neste espaço estudar-se-ia a sua transformação, sendo um local complementar na aprendizagem do meio e fundamental no aconselhamento industrial.

Deste modo estariam as condições criadas para se usufruir de um verdadeiro polo industrial, com o CEF (Centro de Emprego e Formação Profissional) a assegurar a formação de trabalhadores, o CACE (Centro de Apoio à Criação de Empresas) a instruir futuros empresários, o CIIS (Centro de Interpretação da Indústria Senense) a celebrar a memória da indústria passada e a proporcionar, pela investigação, êxitos da indústria presente e futura, e a fábrica, a nova fábrica, o novo espaço de laboração, de negócios e de comércio.

É nestes moldes que o presente trabalho crê estar a chave para uma indústria e requalificação urbana responsáveis.

Durante a pesquisa, apurou-se, através de fontes orais, que existe um interessante espólio industrial, com teares e outra maquinaria, que teria muita relevância ser exposto num espaço com estes novos moldes.

Desta forma, seria fundamental ter neste novo programa um espaço museológico, no CIIS, que, além de lembrar o passado, instruiria os seus visitantes acerca da



Implantação dos programas para o novo parque industrial.

evolução da produção dos lanifícios no concelho de Seia, aludindo ao futuro.

De igual validade, é a introdução no programa do Centro de Interpretação da Indústria Senense de um auditório de dimensões médias (de 150 a 200 lugares), onde se pudessem realizar pequenas conferências e palestras relacionadas tanto com a memória a celebrar como com as novas propostas e a divulgação dos novos desafios.

Outro elemento fundamental para perceber como este local detém condições estratégicas ímpares para receber este programa é a sua proximidade às escolas. ²⁶Hoje, o acto de aprender deixou de estar confinado às salas de aula, aos livros e aos cadernos de exercícios. Hoje aprender é vivenciar, é experimentar e tocar, é ver de facto as acções e os eventos a acontecerem.

Assim, aliando este programa didáctico a gabinetes e laboratórios, destinados à investigação e à pesquisa dos processos de transformação das matérias-primas e dos fartos recursos que existem na Serra da Estrela, construir-se-ia um local que, além de colaborar activamente com o processo fabril, acrescentando-lhe vigor e conhecimento, culminaria igualmente num ponto atractivo para turistas²⁷,

²⁶ Consultar Anexo.

²⁷ É importante referir que o turismo tem um valor fundamental no Concelho de Seia, onde existe, inclusivamente, um Instituto Politécnico que oferece cursos nesta área.

estudantes, investigadores e para todos de que,
através do seu trabalho, se sentem lembrados.

**O Bairro da Fisel:
um lugar de aprendizagem**

Como foi relatado anteriormente, o Bairro da Fisel, antigo bairro operário de Seia, tornou-se num local de excepção na cidade pela sua imprevisível densidade, sobretudo quando comparada a outros pontos que tiveram a possibilidade de dispor de planeamento adequado e de contarem com um desenho mais actualizado, no que se refere à forma de habitar e às necessidades actuais.

Este bairro, sem atributos arquitectónicos relevantes, de desenho básico e com habitações em banda de dimensões muito reduzidas, não só é intensamente habitado como começam a surgir novos compradores para as casas, sobretudo, casais jovens.

É também um espaço que conseguiu sobreviver com êxito ao penoso processo de desindustrialização, ao tempo e à quebra demográfica, que em Seia tem sido arrasadora²⁸, tornando-se de tal forma um ponto relevante no tecido urbano senense, que foi alvo do maior investimento de requalificação urbana na cidade na última década, merecendo um investimento de 1.656.705€.²⁹

Desta forma, o bairro foi equipado com mobiliário urbano e infraestruturas que nunca tinha possuído, como passeios, bancos, iluminação, árvores, ao mesmo tempo que outras infraestruturas foram melhoradas e substituídas.

²⁸ Em menos de 10 anos o Concelho de Seia perdeu mais de 4.000 habitantes. Fonte: Plano Estratégico 2020.

²⁹ Fonte: Plano Estratégico Seia 2020.

Outra circunstância relevante prende-se com a posição do bairro dentro da cidade. Se nos primeiros anos era um lugar periférico, rodeado de matas e quintas, sem referências construídas que fossem além da fábrica, actualmente é um ponto central como se constata pela proximidade às escolas.

Podemos também conceber que o bairro tem algumas condições de habitabilidade interessantes e que se coadunam com o estilo de vida actual. Ao ser uma moradia, tem a vantagem de ter espaço exterior, ao compreender dimensões reduzidas, torna-se mais fácil de organizar, ou seja, comunga algumas qualidades das casas e outras dos apartamentos.

Todavia, o bairro e as suas casas têm falhas impossíveis de ser ignoradas.

Tendo sido requalificado recentemente, mantém no seu topo mais elevado, e aquele que cria a fronteira com a rua, um terreno vazio de mais de 5.000m². Este espaço não tem qualquer tipo de tratamento, tendo-se tornado num espaço de ninguém, ermo e esquecido, quando, dada a sua posição na cidade, poderia ser um espaço atraente e cativante.

Outra característica prejudicial e já descrita anteriormente é a monofuncionalidade deste bairro, sem

nenhum tipo de serviço que lhe possa proporcionar ruas mais preenchidas e mais vivas, que transmitam mais segurança e vivacidade.

Assim, estas ruas que nunca chegaram a ter um nome, sendo assinaladas por números, são espaços com um carácter próximo do espaço privado, sendo públicas, caindo na sensação do espaço de ninguém.

Desta forma, a realidade do bairro nunca deixará de estar associada ao corpo isolado que pousou na cidade, por muito que os cidadãos não o percebam, sentem-no e raras vezes passam por lá ou mesmo nunca.³⁰

Quando, no início dos anos 90, as casas foram vendidas aos seus moradores, originou-se um novo sentimento relativo à apropriação das habitações, que se tornaram efectivamente suas. Este sentimento gerou modificações generalizadas nas casas, tanto para somar conforto como individualidade.

Todavia, o que acabou por suceder foi uma contínua descaracterização do bairro que actualmente não possui duas habitações cujas fachadas sejam iguais entre si.

Contudo, este espaço não só sobreviveu como vive, e actualmente é um exemplo de consistência e ocupação, ao contrário de lugares mais recentes que mais facilmente ruirão pela ausência de densidade e memória.

³⁰ Sem prestação de serviços ou restauração, não existe fluxo de pessoas.

Por este facto, este trabalho desenvolveu uma componente projectual que recai sobre o Bairro, na tentativa de por um lado, ocupar este terreno livre usando-o como momento de junção, enfim, entre o bairro e a rua Cândido dos Reis, articulando-o à cidade, tendo igualmente a possibilidade de, cirurgicamente, introduzir alguns serviços em pontos estratégicos que possam funcionar como locais atractivos que levem ao uso do espaço público.

E, por outro lado, entrar dentro das casas e redesenhar os seus interiores, uniformizar as suas fachadas, padronizar as garagens e arrumos construídos posteriormente e sem regras, legando um plano que regule as alterações realizadas nas casas com o intuito de permitir aos habitantes melhorarem as suas propriedades e, ao mesmo tempo, qualificar o bairro, devolvendo-lhe o traço e a face.³¹

³¹ Consultar Anexo O Bairro.

O Novo Bairro da Fisel

Durante a concepção deste trabalho de projecto, a primeira preocupação focou-se na implantação dos novos edifícios no espaço abandonado adjacente ao bairro.

Dada a inserção das casas, em banda, originando estreitas ruas longitudinais, de cinco e sete metros alternadamente, com somente uma passagem transversal para peões, tornou-se tangível a necessidade de complementar esse percurso transversal, pois o que se pretende é fazer chegar mais pessoas a este lugar, tornando-o mais dinâmico e aprazível.

No entanto, para que estes novos corredores urbanos cumpram os fins a que se propõem, devem estar colocados em pontos-chave, associados a espaços de comércio e de serviços, que mobilizam as pessoas e as levam a penetrar no bairro.

No seguimento deste raciocínio, surgiram três pontos que pareceram determinantes.

Em primeiro lugar, o ponto mais evidente é a esquina do terreno, que é um local comum à Rua Cândido dos Reis e à Rua dos Lanifícios, criando um cruzamento. Este é um lugar de chegada e de recepção, fundamental na implantação para um espaço comercial dentro do Bairro da Fisel.

Em seguida, e dado que esta área desocupada abrange o correspondente a três parcelas, equivalendo a três bandas de casas, foi imperativo desenhar as novas ruas e determinar onde se situariam os novos lotes. Com efeito, surgiram dois novos locais estratégicos onde colocar um bloco comercial.

Assim posto, o segundo local para a implantação de um lote comercial é a extremidade oposta ao primeiro (situado no cruzamento entre as ruas dos Lanifícios e Cândido dos Reis). Este segundo ponto revelou-se cativante, pois, além de ladear o percurso pedonal transversal que acontece a meio do bairro, flanqueia uma importante rua longitudinal à qual foi impressa uma maior dignidade, pois foi ampliada até à rua dos Lanifícios desenhando o quarteirão, algo que anteriormente não sucedia, terminando abruptamente a meio onde começava o terreno desocupado. O terceiro e último ponto foi colocado entre os dois anteriores e entre os dois novos arruamentos, fazendo a ponte entre as cotas e criando um outro percurso pedonal desde o início da fracção nova do bairro, na cota mais alta, até ao fim desta.

A nova quadra do bairro que limita a rua Cândido dos Reis, rua que absorve o maior fluxo de tráfego de automóveis e pessoas nesta extensão da cidade, é também dotada dum maior número de serviços e comércio, compreendendo passeios mais largos e um espaço público

mais amplo. É a primeira vez que a fachada principal do bairro surge na cidade.³²

O espaço excedente é preenchido com novas habitações, semelhantes às casas originais do bairro, mas já incorporando o novo projecto de requalificação do espaço interior e o desenho padrão dos logradouros, e algumas passagens transversais, desencontradas, propiciando alguns percursos internos.

Desta forma, o bairro sobe finalmente à cidade, oferece-lhe as suas fachadas e desenha ruas para todos, ruas que serão designadas com algo mais que algarismos e que fomentarão uma mais intensa apropriação do espaço público. Assim, não só o Bairro da Fisel é trazido à cidade, como Seia é trazida para o bairro.

Os actuais moradores são igualmente beneficiados com a vizinhança do pequeno comércio e do comércio de proximidade, sobretudo tendo em conta a insuficiência destes espaços actualmente no bairro.

³² Consultar Anexo O Bairro.

A Casa, uma evolução

As primeiras preocupações que surgiram ao traçar os novos espaços internos das habitações unifamiliares do Bairro da Fisel prenderam-se sobretudo na vontade de conceder aos seus moradores espaços com mais qualidade, maior aproveitamento das pequenas áreas, melhorando as suas dimensões e fazê-lo tentando demolir apenas o essencial, tomando como muito relevante poupar as suas infraestruturas e canalizações, que foram recentemente substituídas.³³

Ao observar a planta do piso térreo da habitação, o primeiro impulso foi suprimir a parede divisória que divide as duas salas, a de estar e de jantar, e, seguidamente, retirar a parede que separa a sala do corredor que conduz à cozinha. Desta forma, os espaços e as suas funções deixam de estar confinadas a pequenas áreas espartilhados e podem surgir sugeridos pelo mobiliário e valorizados por uma superfície mais ampla.

O ímpeto seguinte consistiu em estender a área da cozinha, tomando o pequeno hall da entrada posterior da habitação e, assim, ganhar mais área e mais espaço de arrumação, numa divisão tão importante e que se encontrava tão acanhada.

Posteriormente, foram aumentados os vãos, noroeste e sudeste, que iluminam, agora, a sala única, de forma a proporcionar um interessante corredor de luz.

³³ Consultar Anexo A Habitação.

As bancadas da cozinha foram redesenhadas, tal como as portas e as escadas, pois estas não se encontravam dentro dos actuais parâmetros legais.

De modo a aperfeiçoar as condições de conforto e habitabilidade foram incorporados nas paredes que limitam a casa placas de EPS, um revestimento térmico colocado através do interior que inclui o isolamento e o revestimento interior, em gesso cartonado, pois as habitações não possuíam isolamento no seu projecto original. Também o pavimento sofre alterações. A cerâmica dá lugar a um pavimento flutuante de madeira, tornando o piso visualmente mais acolhedor e termicamente mais adequado. Estas alterações estendem-se, igualmente, ao piso superior.

O andar seguinte constituiu o maior desafio da proposta. Este, composto por três quartos e uma casa de banho, não possuía a área suficiente para desenhar três quartos com proporções legais e de qualidade espacial.

Depois de experimentar inúmeras formas de conseguir adaptar este piso aos três quartos, foi escolhida a opção de colocar em consola sobre as escadas o local definido para a cama, no terceiro quarto. Assim, é possível usar a favor deste a área que corresponde ao vão das escadas, proporcionando ao espaço uma área mais confortável.

Foi também suprimida a varanda, na maioria das habitações já transformada em marquise, conseguindo assim ganhar mais espaço interior. ³⁴

³⁴ Consultar Anexo A Habitação.

1. O Território e a Cidade



Vale do Rossim

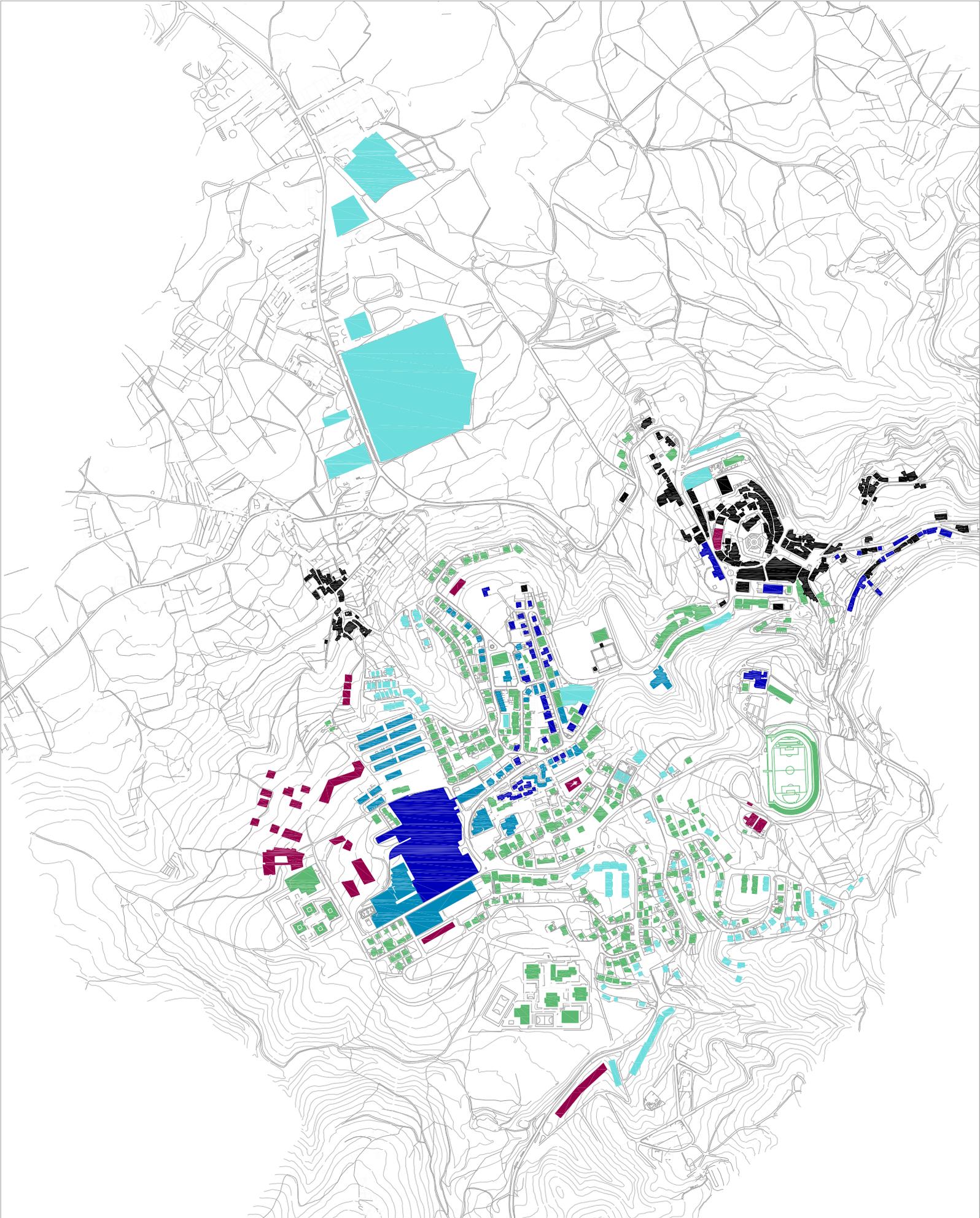
Lagoa Comprida

Cidade de Seia

Senhora do Desterro

Vale do Alva





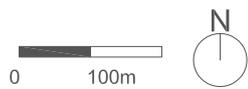
Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

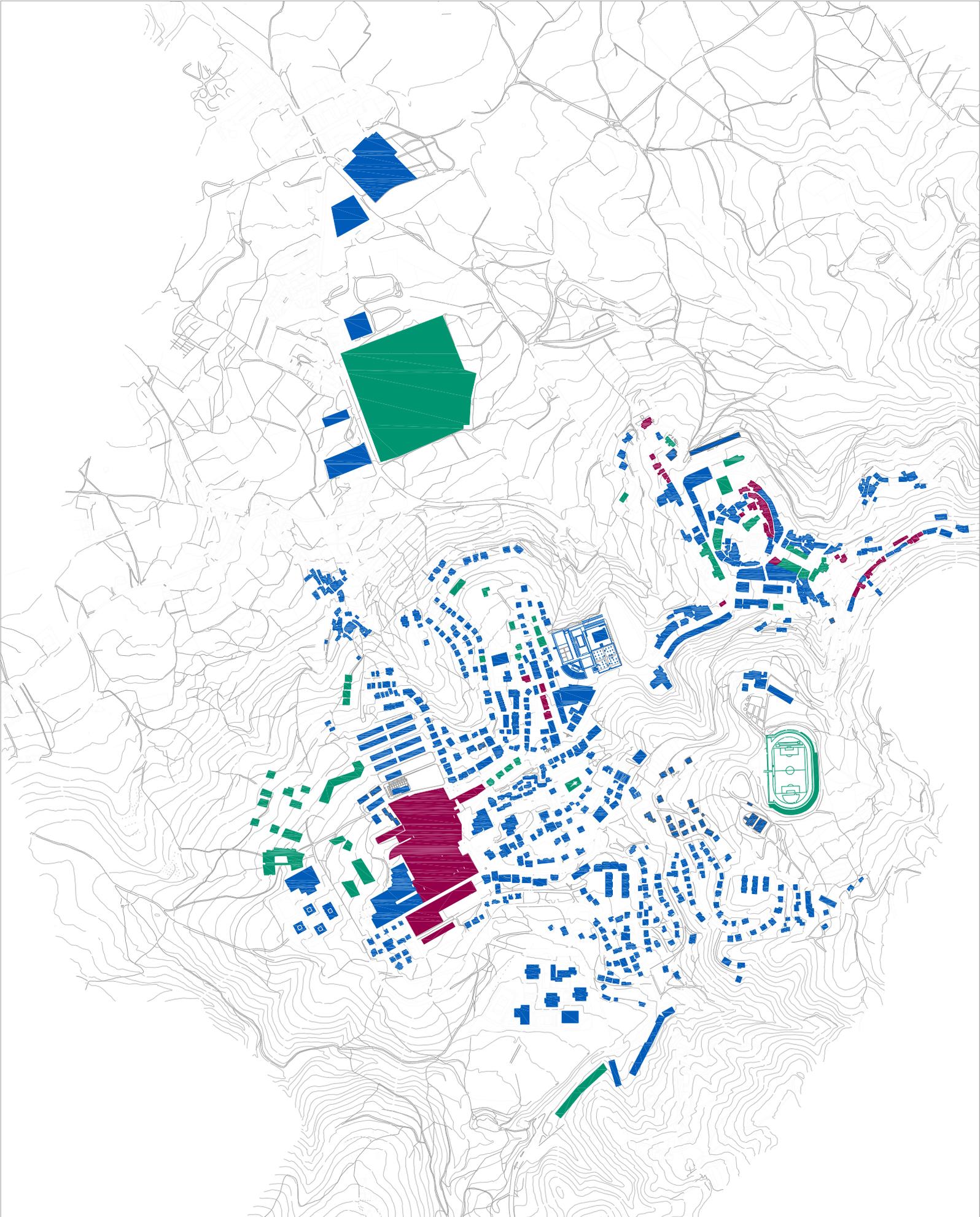
1. O Território e a Cidade

Cronologia da Construção

- Existente década 50
- Construído década 60
- Construído década 70

- Construído década 80
- Construído década 90
- Construído década 00





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

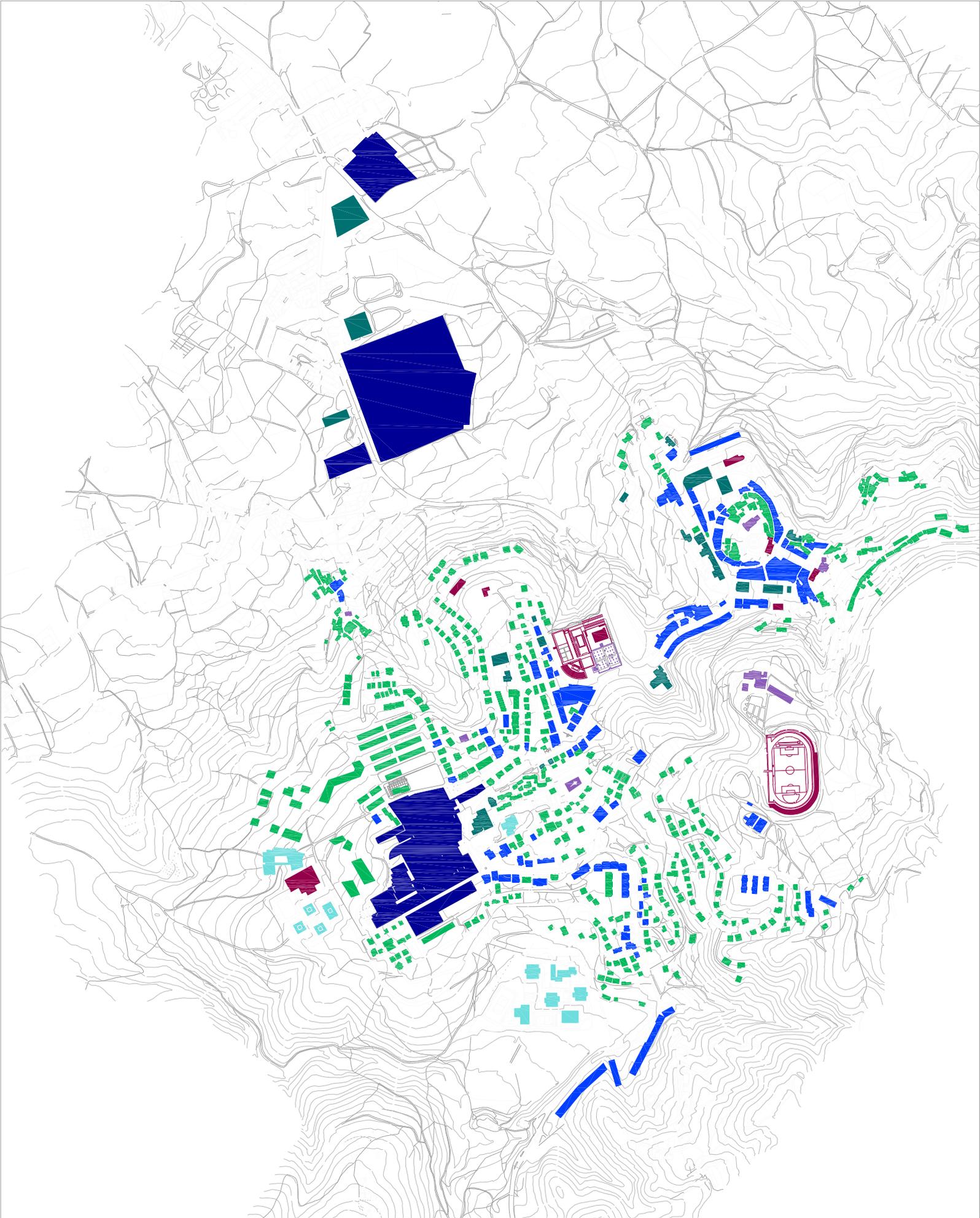
1. O Território e a Cidade

Estado de Conservação dos Edifícios

- Muito Bom 
- Bom 
- Mau 

0 100m





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

1. O Território e a Cidade

Usos dos Edifícios

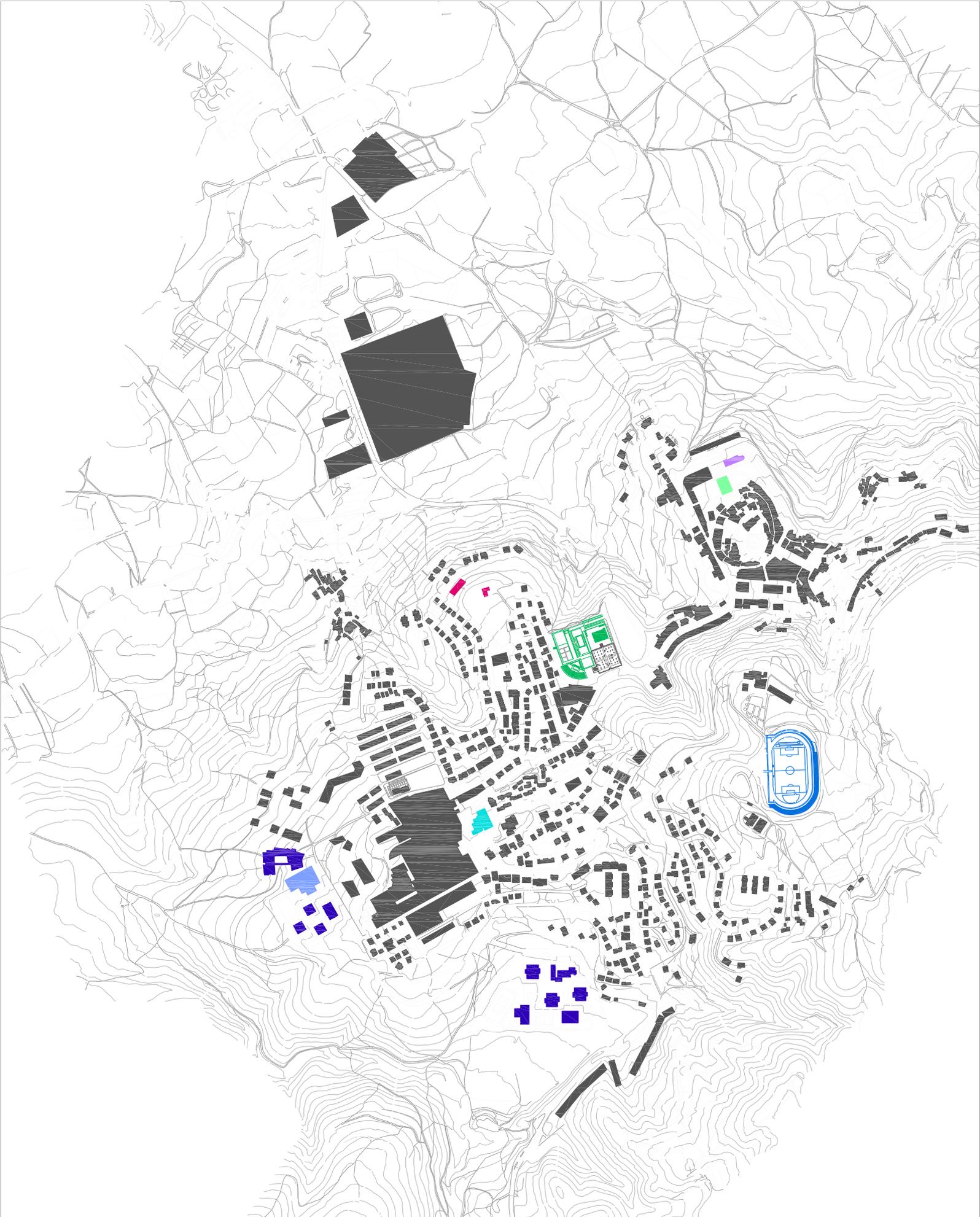
Habitação 
 Equipamento Religioso 
 Equipamento Cultural
 ou Desportivo 

Comércio/Serviços 
 Habitação+Comércio/Serviços 
 Indústria 

Escolas 

0 100m





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

1. O Território e a Cidade

Principais Equipamentos

Câmara Municipal 

Estádio Municipal 

CISE_ Centro de Interpretação da Serra da Estrela 

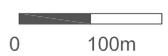
Centro de Emprego e Formação Profissional 

Escolas 

Parque Municipal 

Piscinas Municipais 

Cine-Teatro Municipal 





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

1. O Território e a Cidade

Linhas de Água





Seja, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

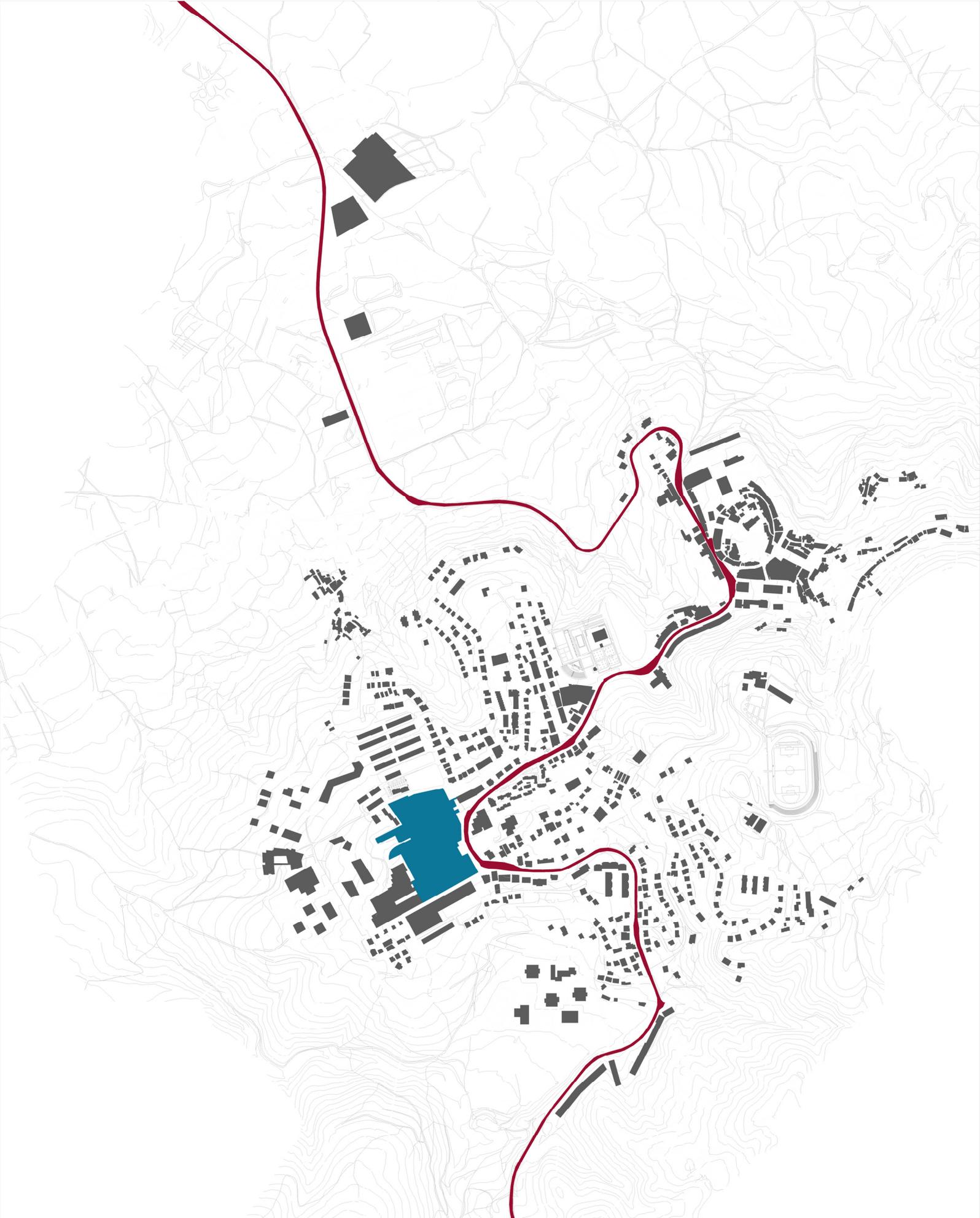
1. O Território e a Cidade

Via Principal

Eixo Norte- Sul 

0 100m





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

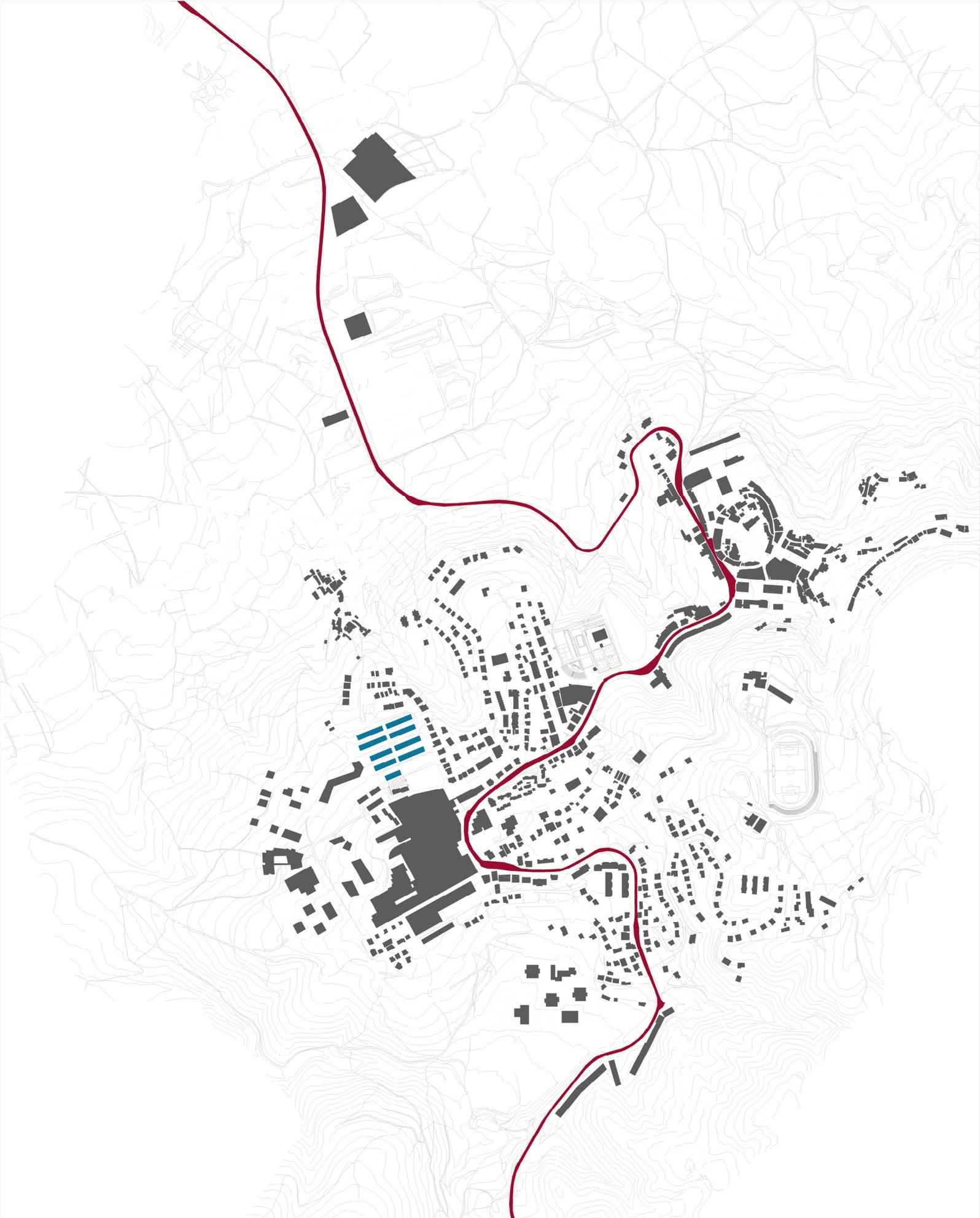
2. O Bairro na Cidade

Localização da Fábrica

Eixo Norte- Sul 
Fábrica Beiralã antiga FISEL 

0 100m





Seja, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

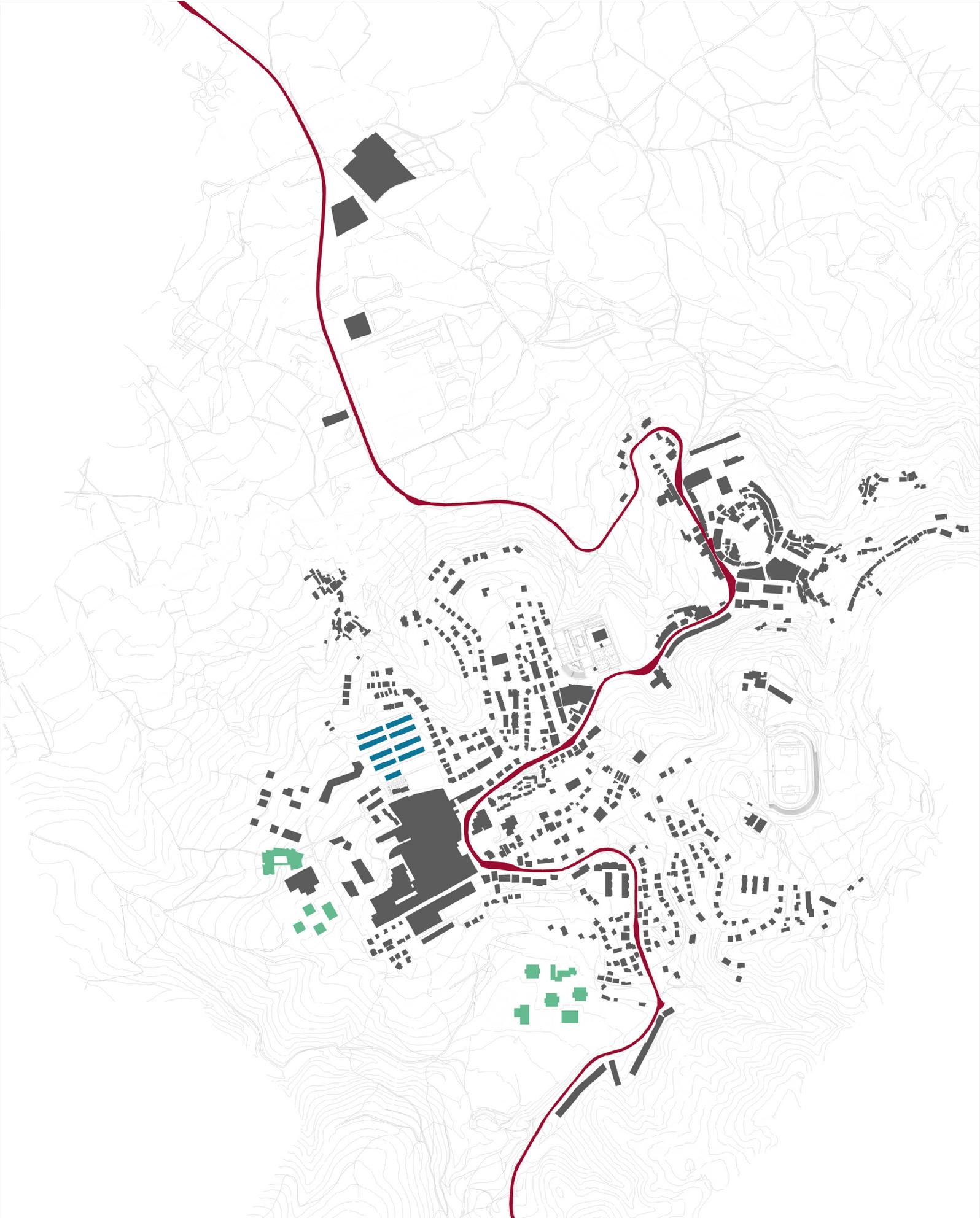
2. O Bairro na Cidade

Localização do Bairro da Fisel

Eixo Norte- Sul 
Bairro da Fisel 

0 100m





Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

2. O Bairro na Cidade

O Bairro e as Escolas

Eixo Norte- Sul 

Bairro da Fisel 

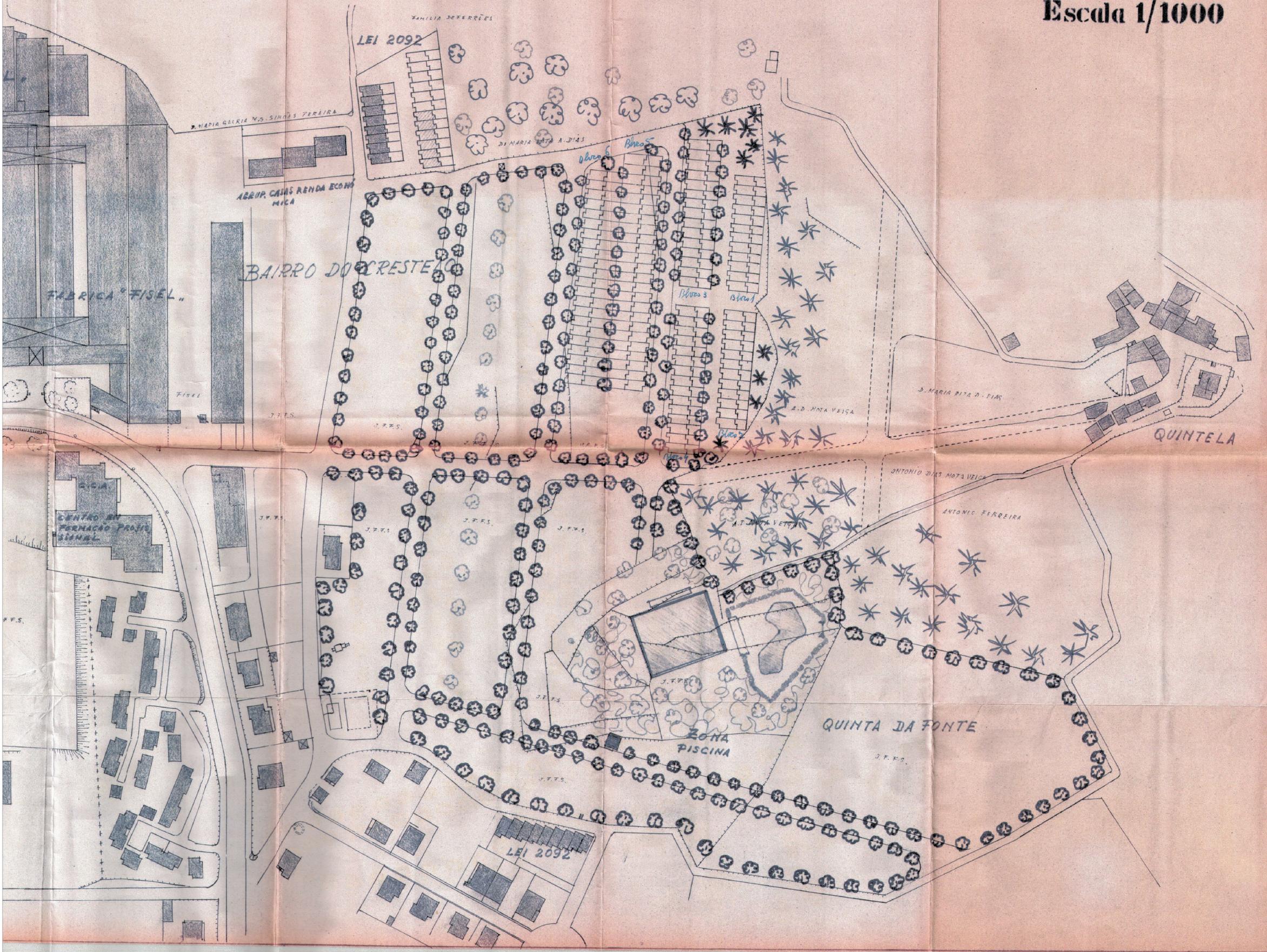
Escolas 



URBANIZAÇÃO DE PARTE DO BAIRRO DO CRESTELO, EM SEIA



Escala 1/1000



Seia, ainda uma cidade industrial
Um Ensaio sobre os Edifícios que resistem

2. O Bairro na Cidade

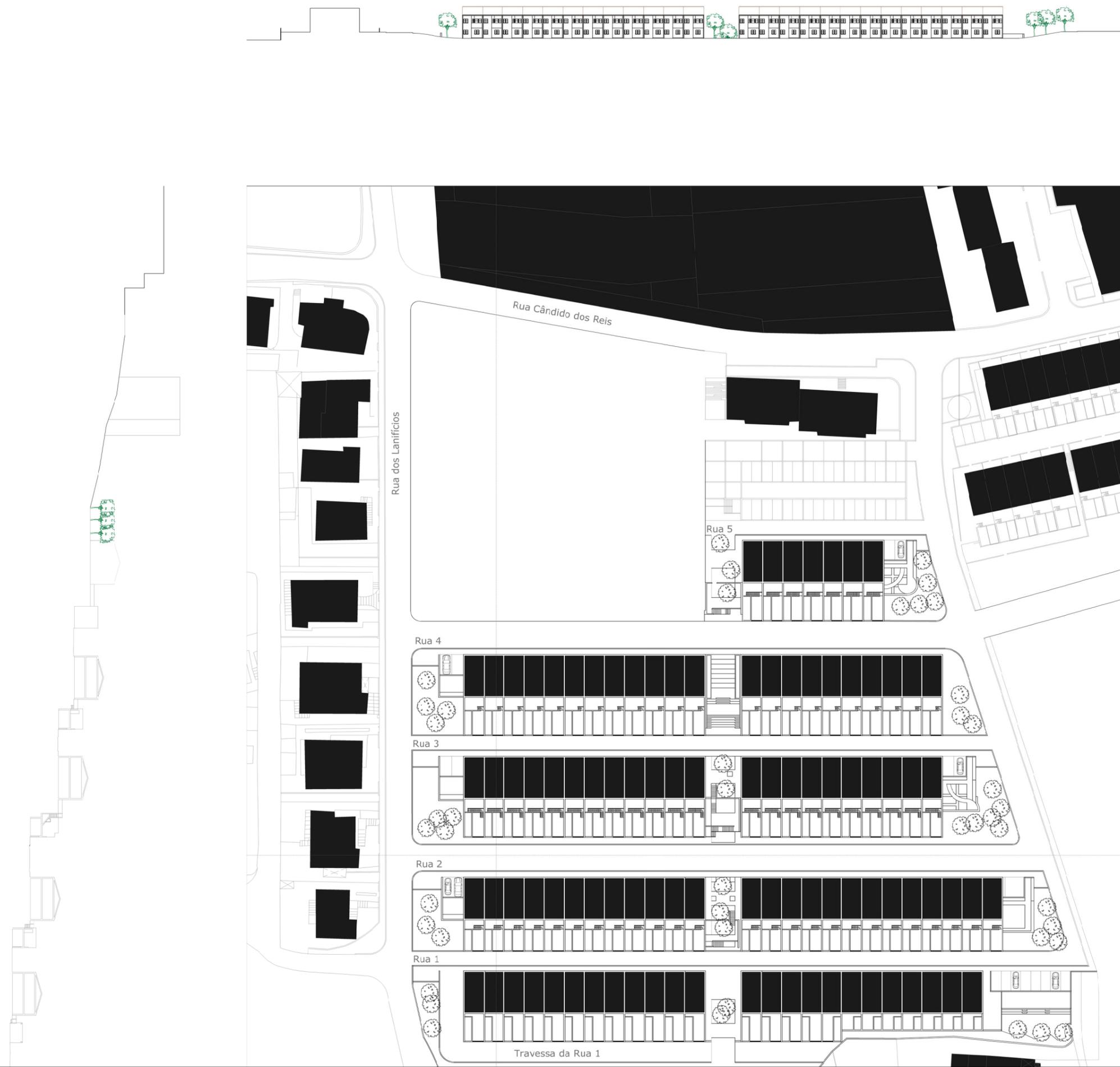
Planta de Implantação do Bairro da Fisel, 1970.

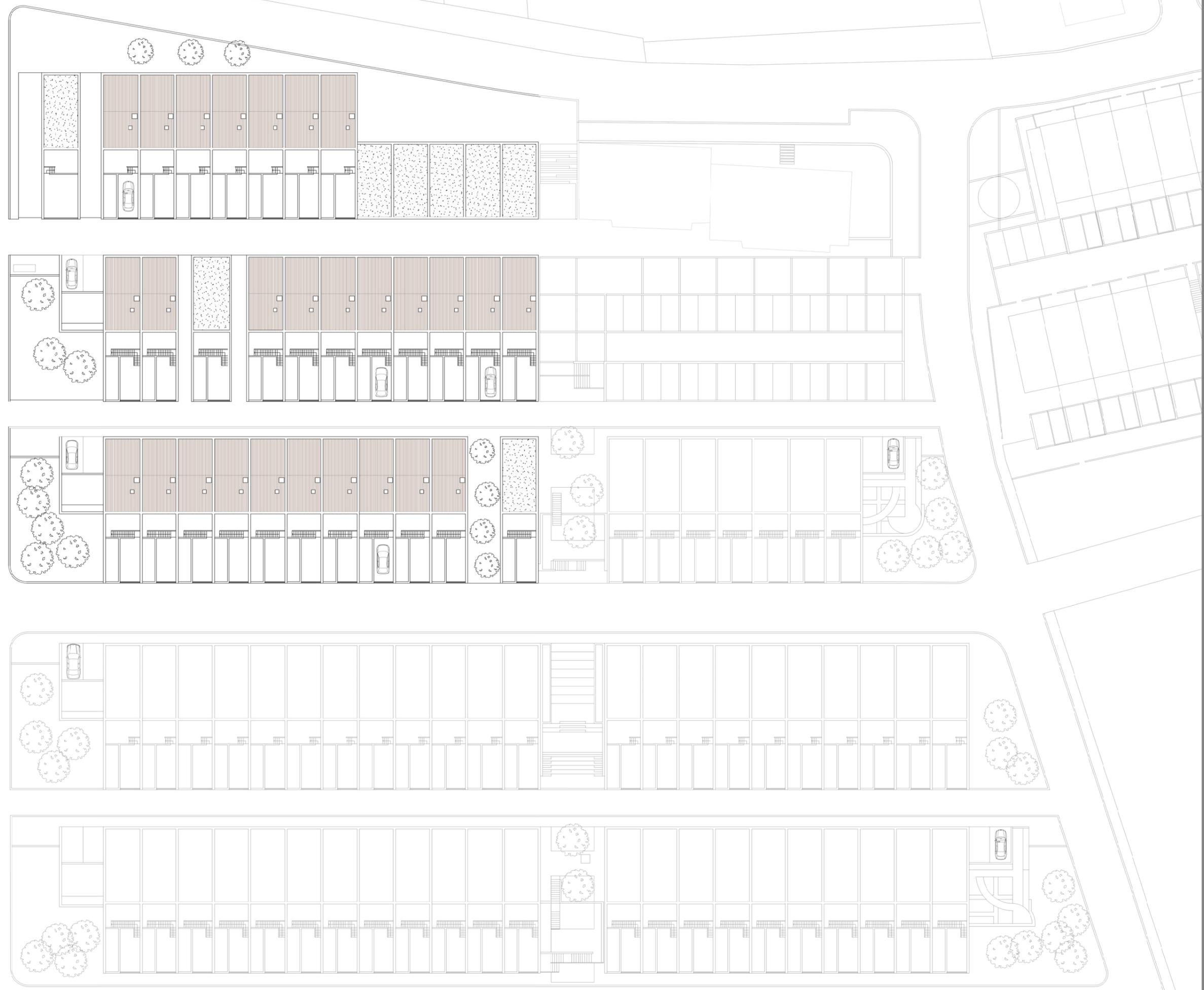


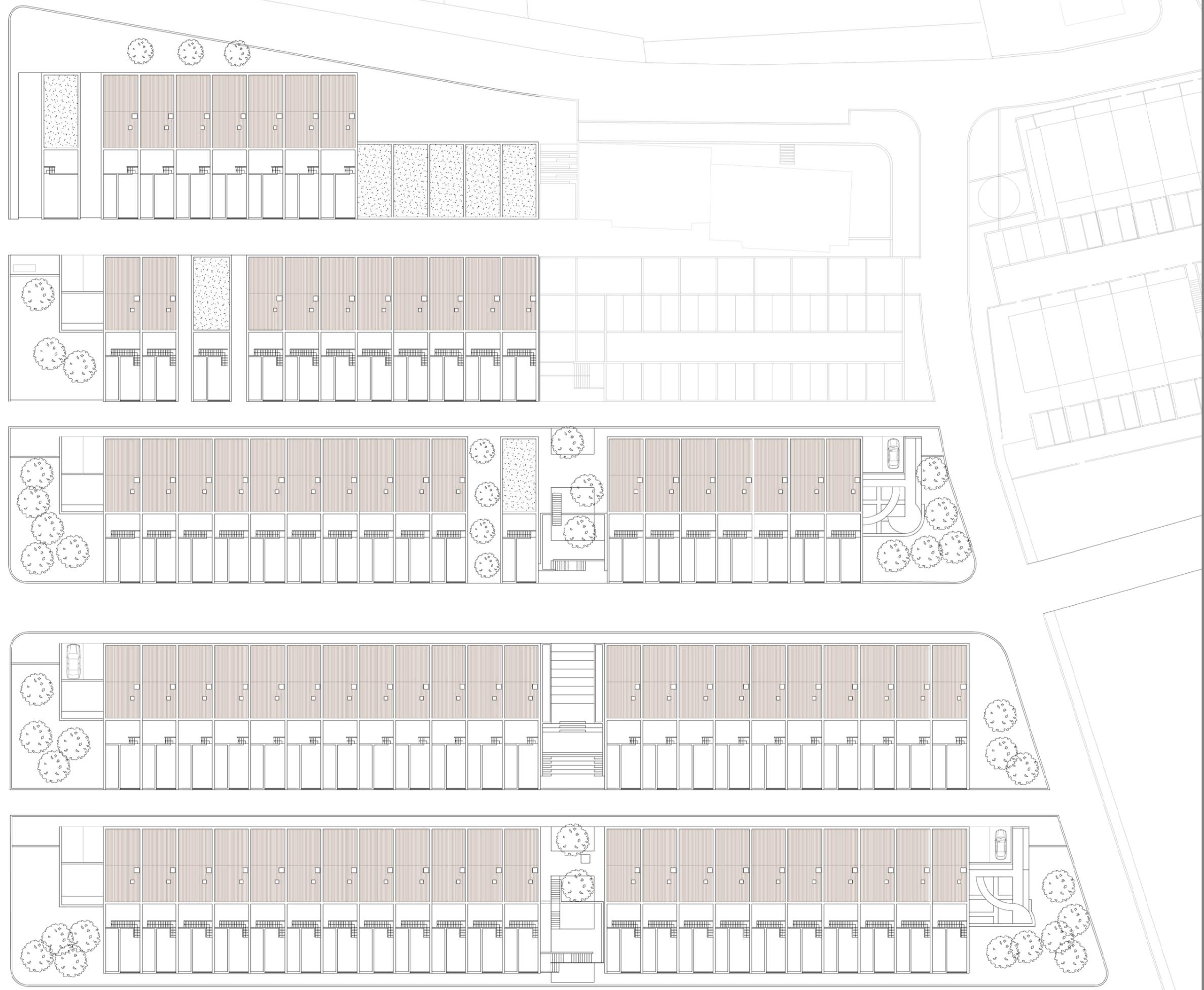
1. O Bairro

Planta Actual 1.1000

Perfis 1.1000





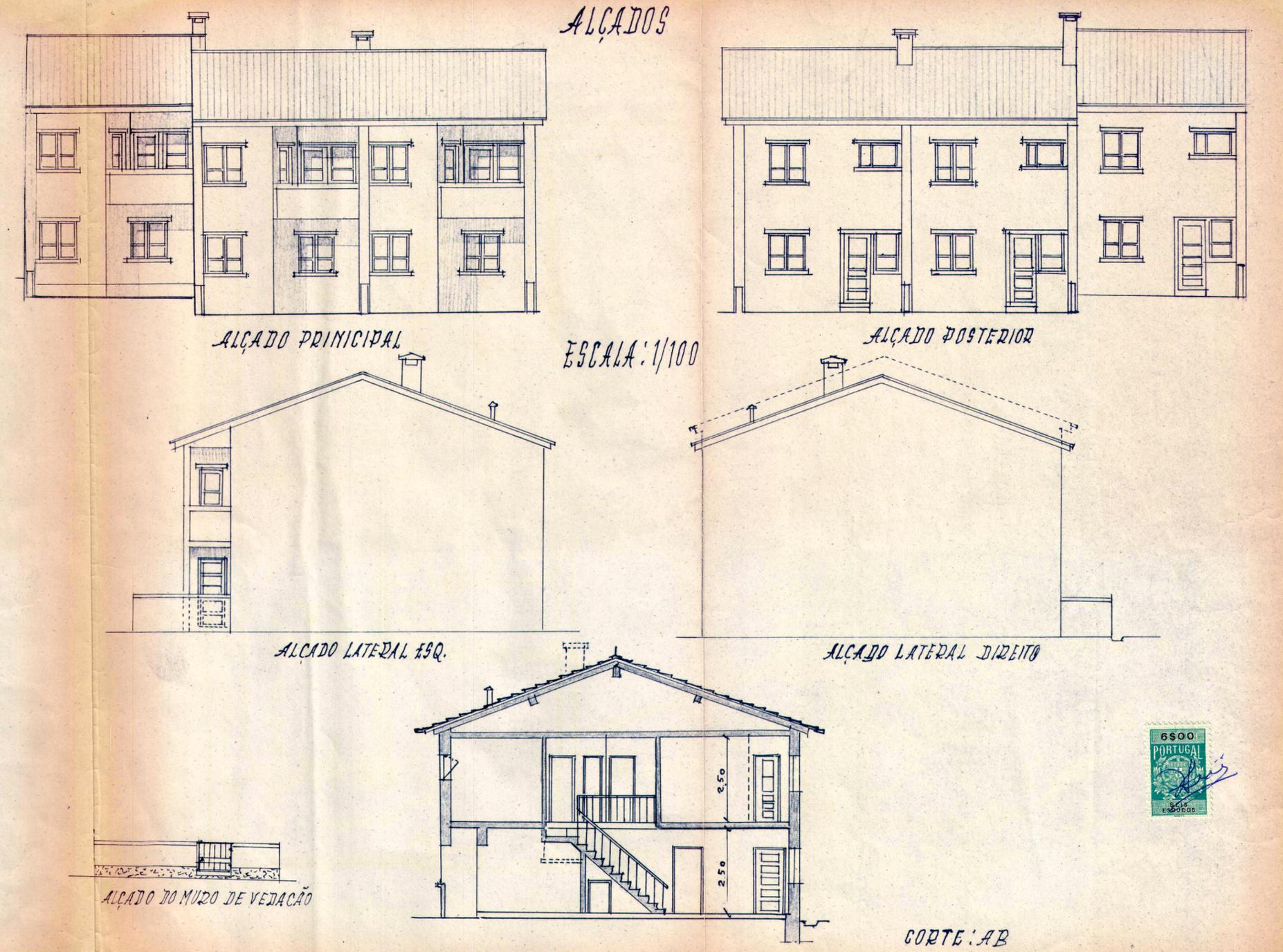
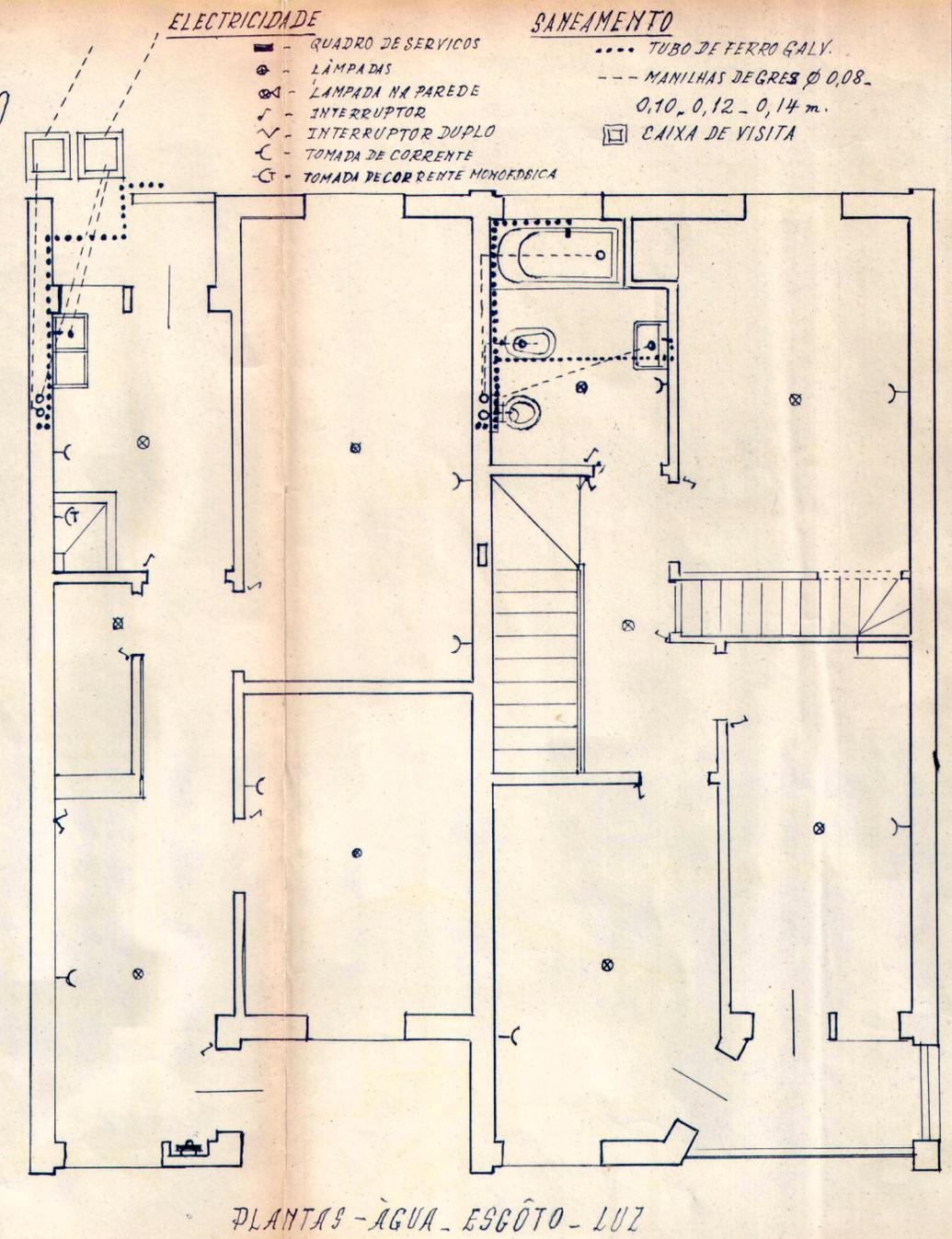
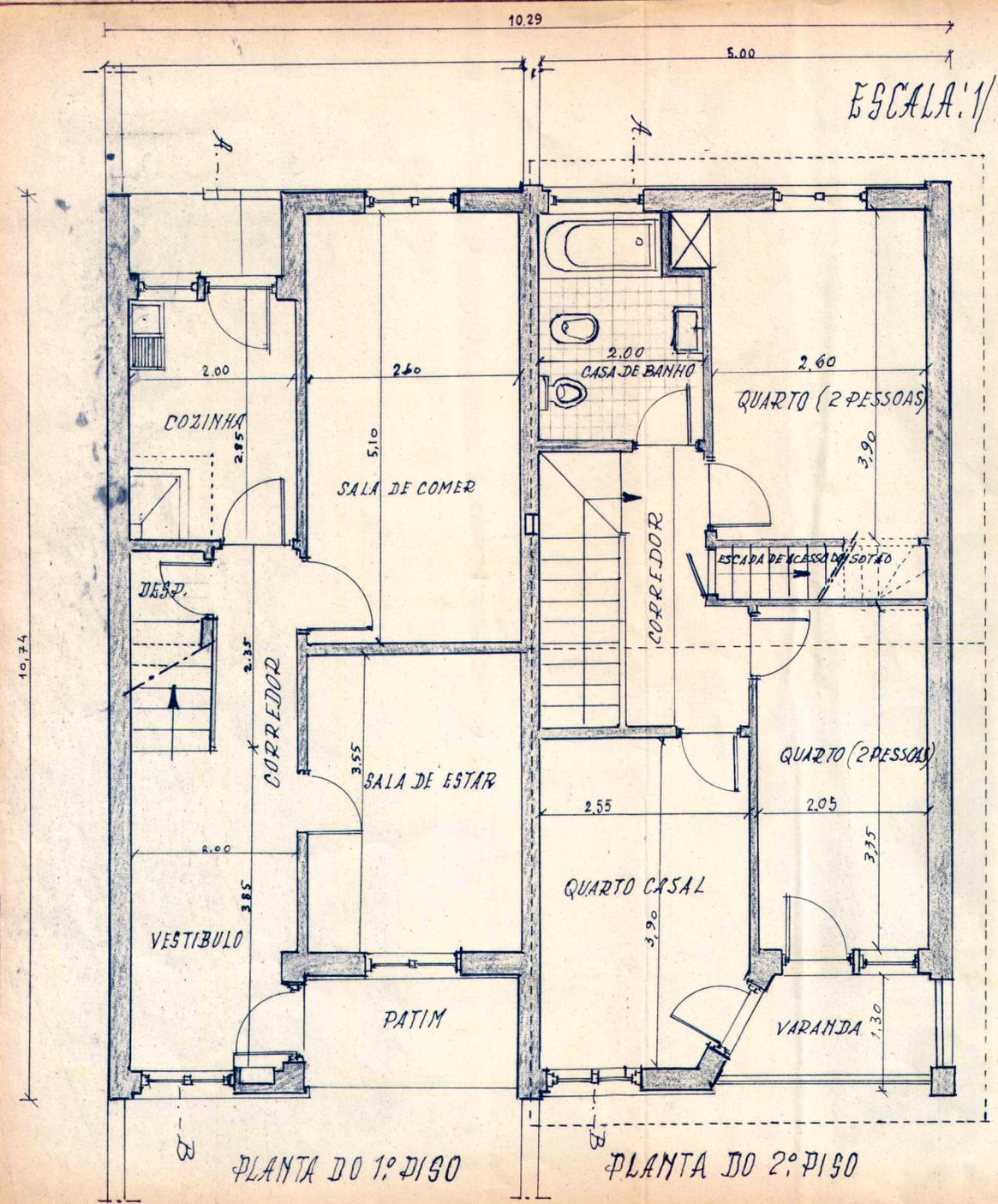


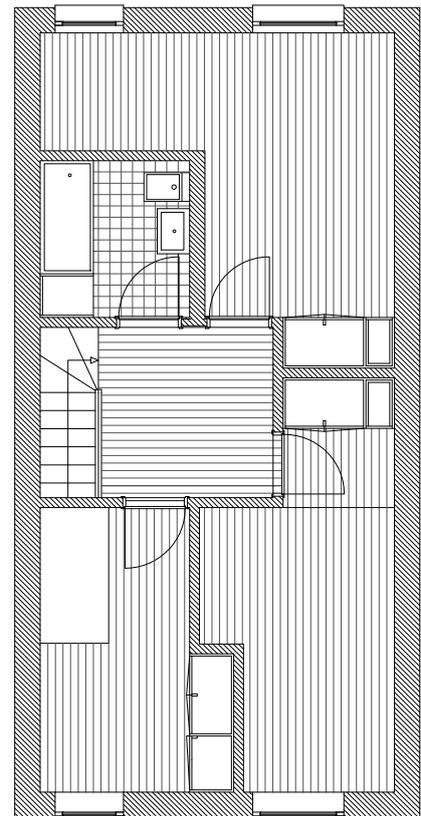
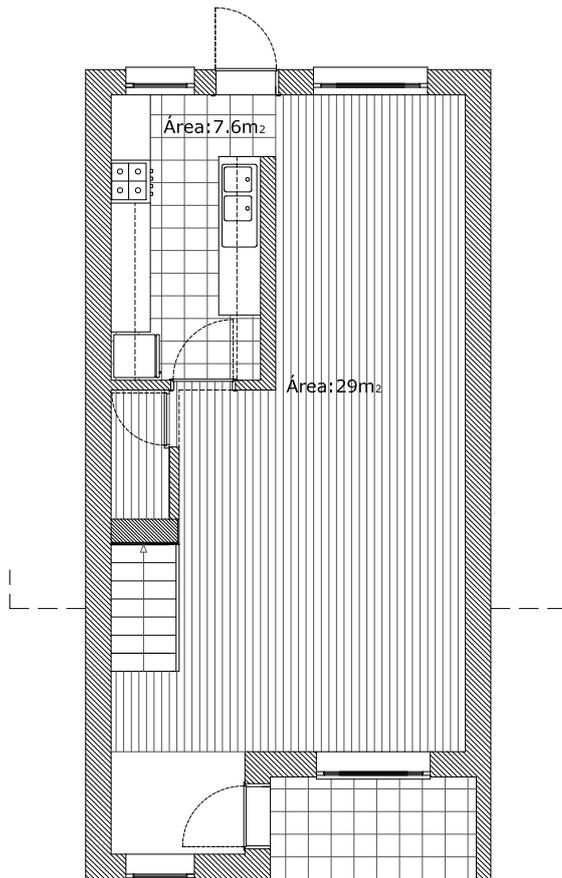
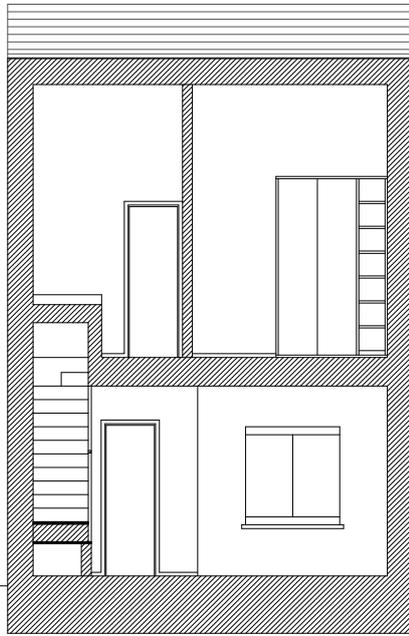
3. O Bairro

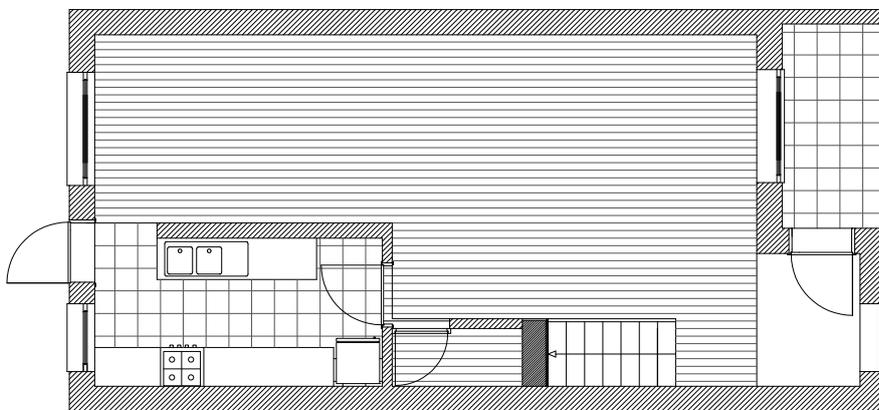
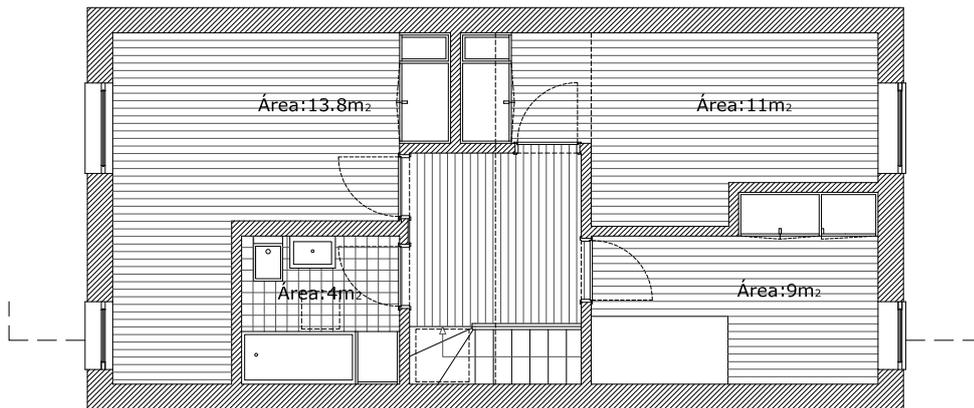
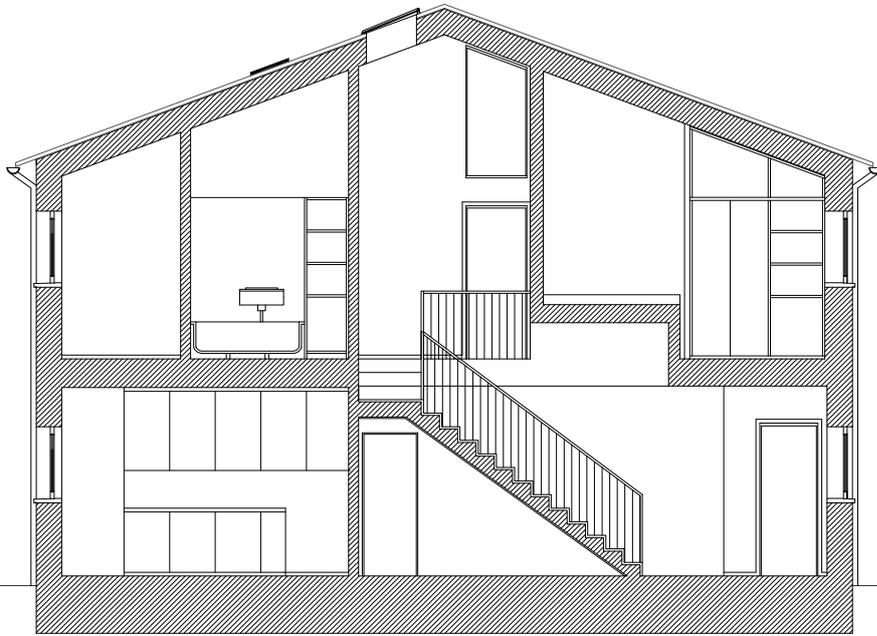
Planta Proposta 1.1000

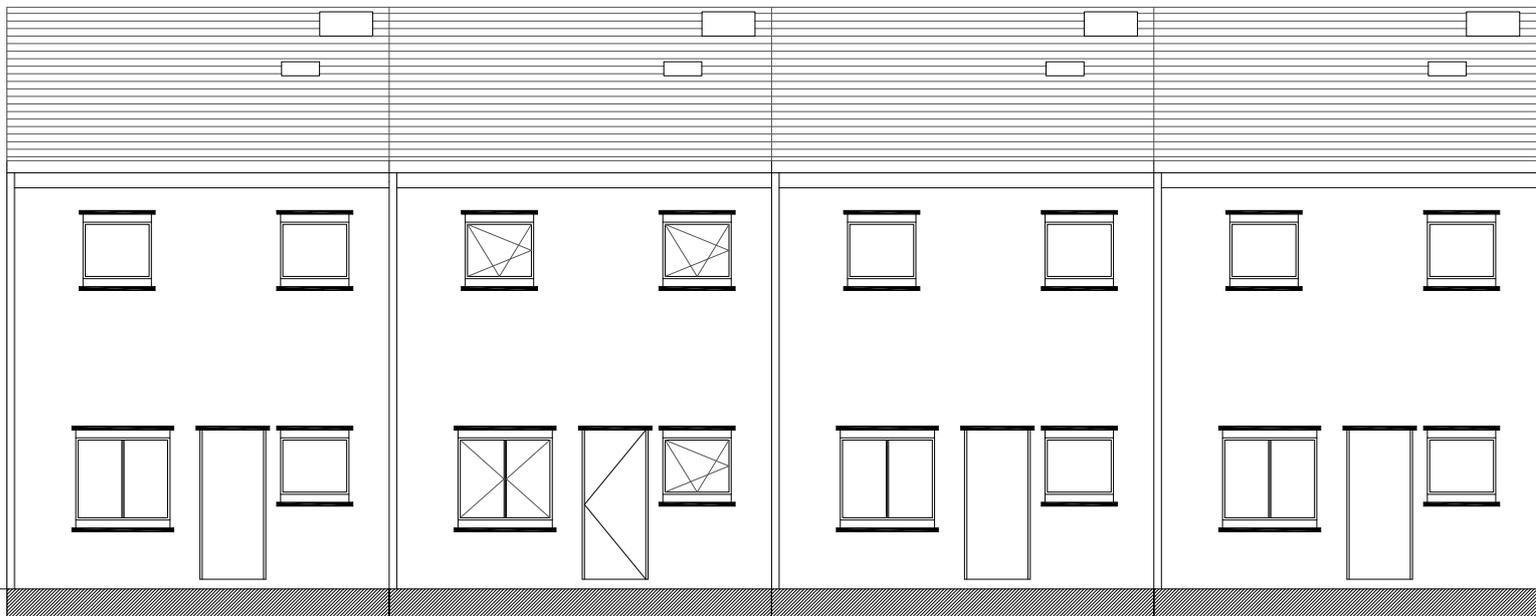
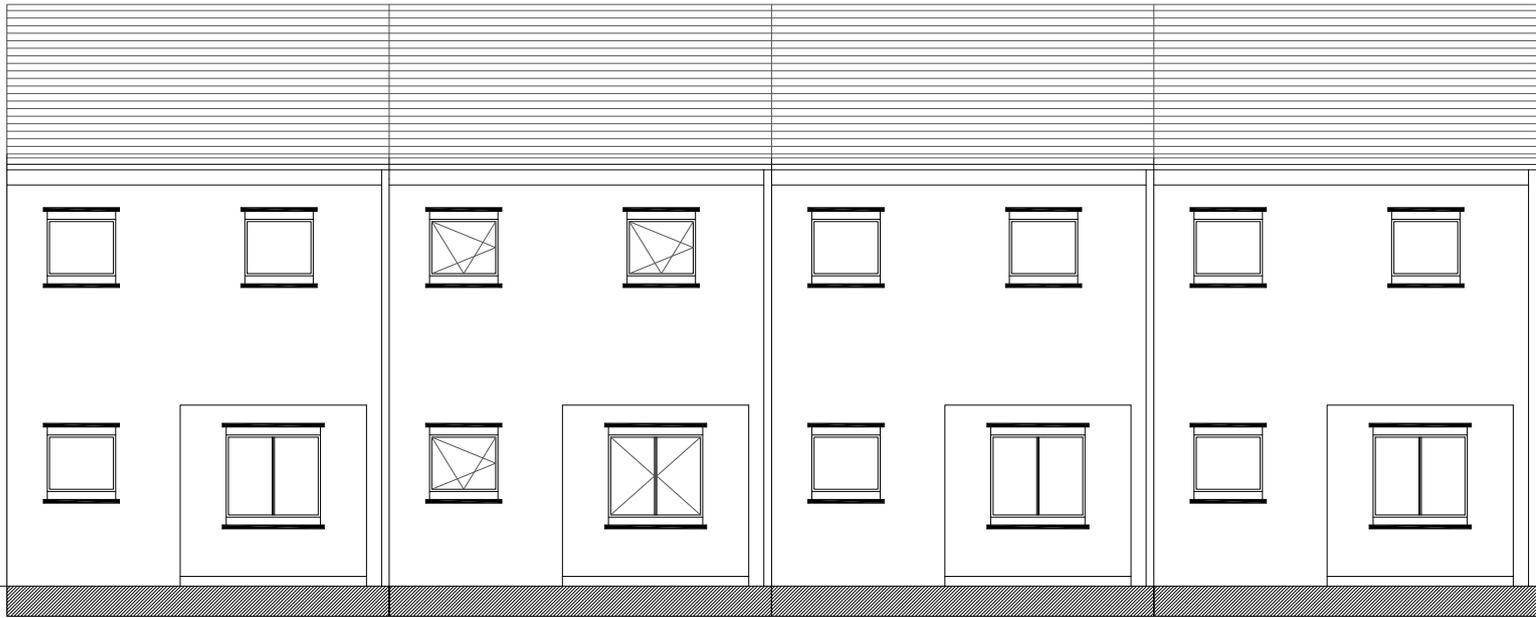
Perfis Proposta 1.1000

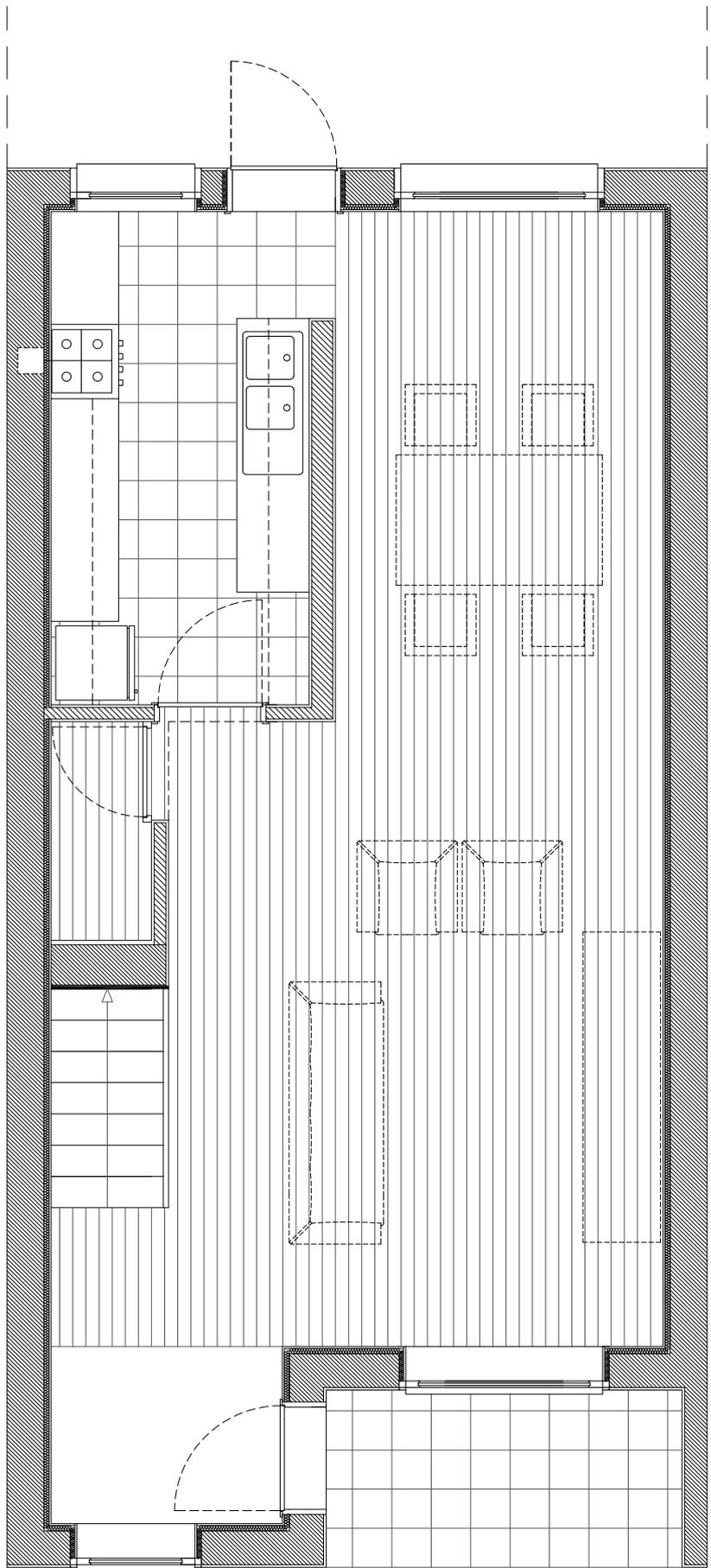


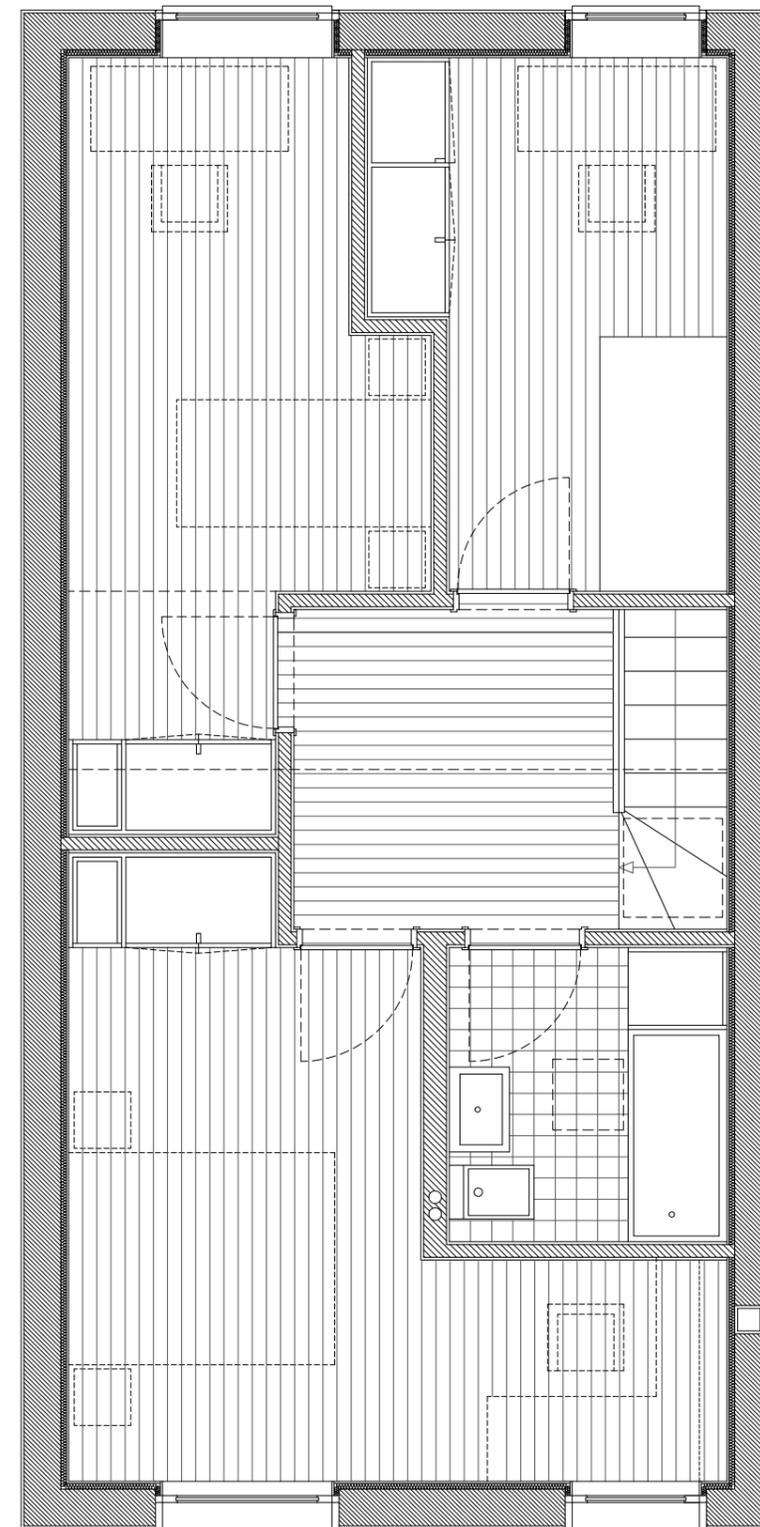
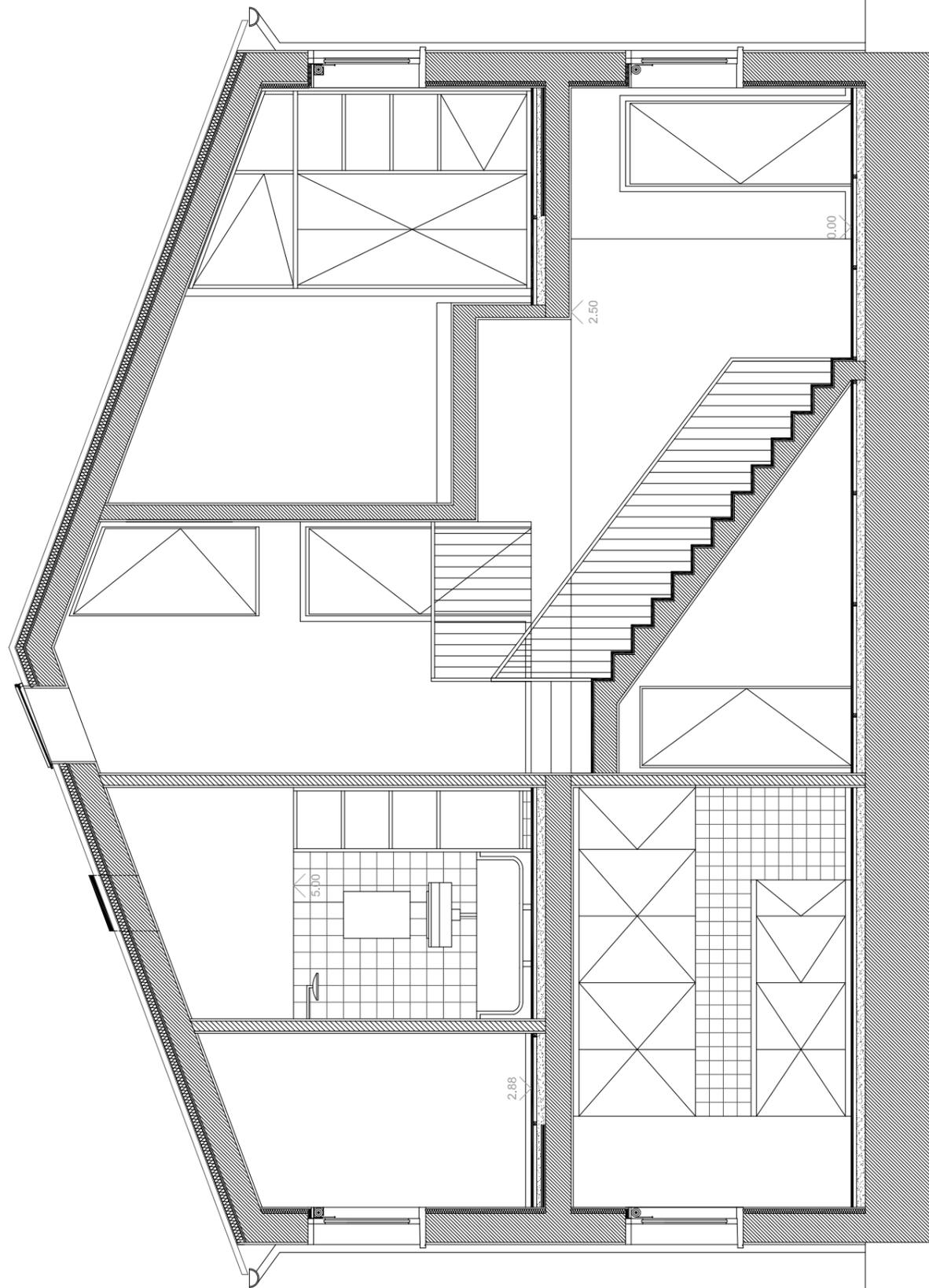












4. A Habitação

Modelo de Requalificação das Unidades Habitacionais
do Bairro da Fisel

Planta 1.50
Corte Longitudinal 1.50

Conclusão

As Viagens na minha Terra

“Não há pequenas nem grandes invenções; há apenas pequenas ou grandes consequências.”³⁵

Esta análise e proposta culminaram num trabalho que me deu a possibilidade de adquirir um conhecimento mais profundo sobre a minha cidade, sobre de que forma esta cresceu, sob que condicionantes, aprendendo a sua história, a sua cartografia, concedendo as ferramentas necessárias para me formar enquanto cidadã observadora e crítica, potenciando o meu olhar face à cidade, às suas componentes e dinâmicas, ao que a constrói e a danifica.

A metodologia, de análise e crítica, culminou numa inevitável proposta, assumindo-se como um exercício de exploração de um território, da descoberta das suas *layers*, das suas convicções. O meu conhecimento viciado da cidade de Seia, condicionado pelos dezoito anos de vivência naquele espaço, foi-se desconstruindo, apagando certas convicções e fortalecendo outras.

Este ensaio permite compreender de que forma o tempo passou em Seia e como a vila, elevada depois a cidade, se foi desenvolvendo e de que maneira chegou ao estado de estagnação actual.

³⁵ LE CORBUSIER_ *Maneira de Pensar o Urbanismo*, página 15.

Compreendemos como o processo de industrialização se colocou como um ponto de transformação profunda e como o progresso por aí gerado motivou um crescimento ímpar, materializado em infraestruturas, equipamentos, explosão demográfica. A cidade cresceu de forma acelerada, desordenada e sem regras.

É essa falta de regras que mais se sente quando esse crescimento é interrompido e estagna, levando a cidade a perdas consideráveis de bens, de gente, de vida.

A desindustrialização foi e continua a ser um processo que cria nas cidades deteriorações várias, deixando na maioria das vezes os velhos equipamentos, outrora símbolos de pujança económica, ao abandono, convertendo-se numa nova ruína, desvalorizando o que a rodeia.

Embora o processo de desindustrialização ainda não esteja, na sua totalidade concluído, pois a fábrica, muito singelamente, ainda produz, esta é uma realidade para a qual Seia tem que se preparar.

A fábrica tem fortes possibilidades de cair no abandono e esse cenário acarreta vários danos para o seu tecido urbano, pois esta, localizada num dos pontos centrais da cidade, foi responsável pelo que se desenvolveu ao seu redor, e caindo leva consigo essa última memória de uma cidade de Seia próspera e fortalecida.

Sendo parte do símbolo do passado progresso da cidade, é um marco importante para todos os senenses e é digna de reflexão, de discussão e de futuras propostas.

Este trabalho, em parte, pretendeu incitar a essa reflexão, deseja iniciar discussões que se convertam em ideias e propostas, principiando esse debate, propondo um programa que, através do estudo realizado e da pesquisa elaborada, configura num programa necessário, exequível e motivador.

Todavia, nem todas as estruturas de origem industrial se apresentam como possíveis problemas para a malha urbana e o funcionamento da cidade de Seia.

O Bairro da Fisel, construído em 1971, soube adaptar-se às diversas etapas do crescimento e da estagnação urbana, continuando a ser um exemplo de densidade e comunidade.

Aparentando ser um caso de segregação, rompeu ideias pré-concebidas e ganhou, em 2003, um Projecto de Requalificação Urbana, transportando-o, em parte, para a restante cidade e dotando-o das infraestruturas que não possuía.

A dissertação procurou determinar o papel deste bairro na cidade, o modo como este foi envolvido pela malha urbana e como ambos interagem. E ainda documentar a maneira como o Bairro da Fisel é habitado, hoje, e como essa apropriação aconteceu e evoluiu.

Sendo um caso curioso de consistência na cidade de Seia, foi inevitável aperceber-me das suas falhas e das suas anomalias.

Esta estrutura, cuja tipologia se considera hoje obsoleta, resistiu às mudanças e oferece um modelo de cidade habitada e com densidade. Poderá constituir, assim, um modelo para futuras intervenções de revitalização.

Bibliografia

ALAN, Phillips – ***Arquitectura Industrial***. Barcelona: Gustavo Gili, 1993 ISBN 8425216133

ASCHER, François – ***Novos princípios do Urbanismo; seguido de Novos compromissos urbanos: um léxico***. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. ISBN 9728027893

ASCHER, François – ***O urbanismo e a política***. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

BACON, Edmund – ***Design of cities***. London: Thames and Hudson, reimp. 1995. ISBN 050027133

BANDEIRINHA, António José – ***O Processo SAAL e a Arquitectura do 25 de Abril de 1974***. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. ISBN 9789728704766

BIGOTTE, P^e Quelhas – ***Monografia da Cidade de Seia***. Seia, 3^a Edição, 1992.

BRAÑA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – **A arquitetura da indústria: 1925- 1965 Registo DOCOMOMO Ibérico**. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005. ISBN 8460942953

BENEVOLO, Leonardo – **A Cidade e o Arquitecto**, Lisboa: Edições 70, 2011. ISBN 9789724413327

BENEVOLO, Leonardo – **A cidade na história da Europa**. Lisboa: Editorial Presença, 1995 ISBN 9722318837

BENEVOLO, Leonardo – **Diseño de la Ciudad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982 ISBN 8425210232

CARVALHO, Filomena Correia de – **Viver os Têxteis: um complexo museológico para o Concelho de Seia: fundamentos e propostas de organização**. Coimbra FLUC, 2006, Dissertação de Mestrado na área de Museologia e Património Cultural.

CHOAY, Françoise (1998) **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1997 ISBN 8527301016

CULLEN, Gordon – ***El paisaje urbano, tratado de estética urbanística***. Barcelona: Editorial Blume, 1974. ISBN 8470312030

DAVIS, Mike – ***City of Quartz***. London: Verso, 1991. ISBN 0860913031

DOMINGUES, Álvaro – ***Cidade e Democracia- 30 anos de transformação urbana em Portugal***. Lisboa_ Argumentum, 2006. ISBN 9728479398

ENGELS, Friedrich – ***A situação da classe trabalhadora na Inglaterra***. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1975.

ENGELS, Friedrich – ***Para a questão da habitação***. Lisboa: Avante, 1984.

FERNANDES, José Manuel – ***Arquitectura Industrial no sec. XX***. Lisboa SECIL, D.L. 2003

FERNANDES, José Manuel – ***Português Suave: arquiteturas do Estado Novo***. Lisboa: IPPAR, cop. 2003. ISBN 972873626

FOUCAULT, Michel – ***Vigiar e Punir***. Petrópolis: Vozes, 1977.

GINZBURG, Carlo – ***A micro- história e outros ensaios***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, D.L. 1991 ISBN 9722902563

GOITIA, Fernando Chueca – ***Breve História do Urbanismo***. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

GONÇALVES, Adelino – ***Património urbanístico e planeamento de salvaguarda: os seus contributos para a desagregação urbana e a necessidade de (re) habitar a patrimónilização da cidade na sua (re) feitura***: Tese de doutoramento em Teoria e História da Arquitectura. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.

JACOBS, Jane – ***Morte e vida das grandes cidades***. São Paulo: Martins Fontes, 2003. ISBN 8533612184

CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA – ***Plano Director Municipal 2012-2020: Linhas de orientação estratégica***, 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA – **Seia 2020- Plano Estratégico: Relatório final**, 2009

LE CORBUSIER – **Maneira de pensar o Urbanismo**. Mem Martins: Publicações Europa- América, 2008.

LEITÃO, Lúcia. – Cidades com Alma. Porta da Estrela 30 Junho 2011.

LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque – **O Bairro da Bouça: um contributo para o entendimento do SAAL no debate da habitação social**, Coimbra FCTUC, Departamento de Arquitectura, 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

LYNCH, Kevin – **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999 ISBN 9724410250

LYNCH, Kevin – **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MOURA, Maria Souto de – **Ensaio de uma Ilha: um estudo sobre a habitação social contemporânea**. Porto: Prova Final Licenciatura em Arquitectura da

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Vol. I-II, 2007.

MUMFORD, Lewis – ***A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas***. São Paulo: Martins Fontes, 1998. ISBN 8533608470

OLIVEIRA, Ivo – ***Ilusões e Ficções de modernidade na Fábrica Oliva de São João da Madeira***, Coimbra FCTUC, Departamento de Arquitectura, 2010. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

PORTAS, Nuno – ***A habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura***. Porto: FAUP, 2004. ISBN 9729483639

PORTAS, Nuno – ***A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica***. Lisboa: Livros Horizonte, 2007 ISBN 9722414631

ROSADO, Mónica Dina de Oliveira – ***Cidades de montanha: Seia, território e desenvolvimento urbano***. Coimbra FCTUC, Departamento de Arquitectura, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

ROSSI, Aldo – ***A Arquitectura da Cidade***. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. ISBN 9727621260

SALGUEIRO, Teresa Barata – ***A cidade em Portugal: uma geografia urbana***. Porto: Afrontamento, 1999. ISBN 9723602024

SILVA, L. (2011). **LANIFÍCIOSdoc**, UBI.

TAFURI, Manfredo – ***La esfera y el labirinto: vanguardias y arquitectura de Piranesi a los años setenta***. Barcelona: Gustavo Gili, 1984 ISBN 8425211719

TAFURI, Manfredo – ***Projecto e Utopia: arquitectura e desenvolvimento do capitalismo***. Lisboa: Presença, 1985.

A presente Dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico.

Fontes de Imagens

p. 18 Google Earth.

P .34 Desenho da autora.

p. 38 Disponível em <http://www.maravilhasnossaterra-anexo3.blogspot.pt/2009/10/dia-nacional-dos-castelos.html>

ibidem

p. 40 Disponível em

<http://www.somdagente.blogs.sapo.pt/33890.html>

fotografia de Joana Orêncio.

p.42 fotografia do professor Luís Pinto cedida por Pedro Pinto.

Ibidem

p. 44 Disponível em

<http://www.portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2012/06/seia.html>

p. 54 fotografia de Joana Orêncio.

Ibidem

p. 56 fotografia de Joana Orêncio.

p. 64 fotografia do professor Luís Pinto cedida por Pedro Pinto.

p. 66 fotografia de Joana Orêncio.

p.68 fotografia do professor Luís Pinto cedida por Pedro Pinto.

p.76 desenho da autora.

p. 78 fotografia de Joana Orêncio.

Ibidem

p.80 fotografia cedida pelo Atelier do Boído.

Ibidem

p.82 esquema cedido pela Câmara Municipal de Seia.

p.92 fotografia de Joana Orêncio.

Ibidem

p. 94 fotografia de Joana Orêncio.

p.96 fotografia cedida pelo Atelier do Boído.

Ibidem

p. 128 Disponível em

<http://www.vallisoletvm.blogspot.pt/2012/03/el-antiquo-matader-municipal.html>

ibidem

p. 130 Disponível em

<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/info/standard-electrica-antigas-instalacoes>

p. 134 Google Earth.